

João Carlos Corrêa Neto

TUSITALA NA GARRAFA: a literatura antropológica de
Robert Louis Stevenson

Florianópolis

2016

João Carlos Corrêa Neto

***TUSITALA NA GARRAFA: a literatura antropológica de
Robert Louis Stevenson***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina à cumprimento de requisito para a obtenção de título de bacharel em Antropologia Social sob orientação do Prof. Dr. Oscar Calavia Sáez.

Florianópolis

2016

João Carlos Corrêa Neto

**TUSITALA NA GARRAFA: a literatura antropológica de
Robert Louis Stevenson**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção de título de bacharel em Antropologia Social, e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Antropologia Social.

Florianópolis, dezembro, 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Oscar Calavia Sáez
Orientador

Prof. Dr. Henrique Finco

Prof. Dr. Scott Head

Dedico este trabalho à memória do meu amigo de infância e juventude, o B.R., amigo dos tempos em que futebol, Coca-Cola gelada com limão e passar o dia inteiro de boeira na UFSC faziam todo o sentido do mundo.

Para que ficção se existe teoria? – Enrique Vila-Matas.

*But all that I could think of, in the
darkness and the cold,
Was just that I was leaving home and
my folks was growing old.* – Robert Louis
Stevenson

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca apresentar e discutir aspectos de parte da obra do autor Robert Louis Stevenson sob certo viés. As obras deste autor tratadas, aqui, são: o relato de viagem, *Nos Mares do Sul* e os contos, *A Ilha das Vozes* e *O demônio na garrafa*. A partir disso, levantar questões e desenvolver argumentos que indiquem a relevância da leitura deste autor por antropólogos. Como interlocução para tanto, do lado da antropologia, alguns autores que trataram de aspectos fundamentais do trabalho de campo (especialmente a forma como ele costuma ser abordado na etnografia) no início do século XX foram elencados. Estes autores foram expoentes ou precursores do que se convencionou chamar na disciplina de pós-modernidade. Um dos temas que dá certa coesão, ou similitude nos trabalhos destes autores é, justamente, a preocupação com a relação entre antropologia e literatura. Este ensaio, de certa forma, questiona a ausência de Stevenson da bibliografia pós-moderna em específico, assim como da antropológica em geral.

Palavras-chave: Stevenson; antropologia; literatura; pós-modernidade

LISTA DE SIGLAS

RLS: Robert Louis Stevenson.

NMS: Nos Mares do Sul.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de qualquer coisa, aos meus pais: Heloisa e Carlos. Especialmente pela paciência e confiança que chegam, por vezes, a colocar a minha confiança e paciência em prova – será que eles sabem mesmo o que estão fazendo? O apoio material – livros, comida, roupa y otras cositas más – ao longo dos anos de graduação, também foi muito importante. Agradeço também a atenção e parceria de longas conversas – muitas delas sobre este trabalho – da Chucks, minha irmã.

Ao longo de quase todo o processo de formação (e que foi longo) tive uma companheira que ouviu/leu/viveu/padeceu, junto, a coisa toda. Foi, aliás, uma leitora atenta do texto que vai aí. Agradeço, portanto, a esta amiga de primeira qualidade e companheira de querer ter sempre por perto: a Gabi. E para ser justo incluo neste parágrafo o Aldo (“João, quando é que se forma?”), a Dulce (“É antropologia, né?”) e a Camila – que põe fé –, por fim, a família que descobri que tenho lá para os lados do Córrego Grande. Muito obrigado.

É bem possível que meu título de bacharel tivesse sido em outra área – gosto de pensar que em física – não fosse um desvio de rota no Ensino Médio. Um dos culpados por esse desvio, em grande medida, é o Thor, grande amigo. Além dele, culpo o João Nilson e o Tomás, professores e amigos. O Tomás me apresentou a antropologia e o João outras literaturas. Vivam com isso. E obrigado.

É claro que, ao longo de minha formação, a interlocução com colegas, assim como o acompanhamento de suas respectivas pesquisas, foi de grande importância para este resultado. Para citar alguns deles: Ana Regina, Taciane, Mauro, Breno (que saiu cedo, mas foi um bom interlocutor de início de curso), Fernanda, Patrícia, Drika, Edith, Jefferson, Gabi S., Odete e, claro, a Samanta. Obrigado!

Particpei do Núcleo de Estudos de Populações Indígenas ao longo de três anos. Uma maneira de resumir os efeitos deste período em meu percurso na Antropologia até aqui é dizer que o núcleo foi um divisor de águas em minha formação. Para tanto, o contato com os pesquisadores e suas respectivas pesquisas foi parte fundamental. Elis, Tiago, Cristina, Edilma, Hélder, Alex, Daniel, Melissa, Fran, Ricardo, Marcelo, Bárbara, Paloma e, claro, a Profa. Edviges foram alguns deles.

E a experiência de núcleo, assim como a de bolsista de iniciação científica e a participação em projetos de extensão foram experiências ricas, sem dúvidas. Mas posso dizer que foram também absolutamente leves e muitas vezes agradáveis especialmente em função da orientação da professora Antonella, responsável por minha formação dentro da formação.

Sem tesão não há solução, como se diz, e um grupo de estudos já no fim da graduação foi essencial para rever meus gostos pela disciplina. Esse grupo foi formado por: Nathália, Gabi S., Gabi A., Virgínia, Camila, Rafael, Thayse e Platão.

Agradeço também ao professor Theóphilos pela leitura atenta de uma versão muito preliminar do primeiro capítulo deste trabalho. Essa leitura me levou a repensá-lo e a escrever esta versão que vai aí. A estrutura do segundo capítulo foi pensada a partir de uma ideia desse mesmo professor, quem ministrou a disciplina de Seminário de Escrita 2015/2. Nesse sentido, é justo agradecer à interlocução com o professor Scott que me deu ânimo sobre essa pesquisa ao longo da disciplina Antropologia da Pessoa e Teoria do Sujeito, ministrada no primeiro semestre desse ano.

No fim das contas, nos últimos meses minhas escolhas e certa qualidade no processo, não necessariamente no resultado, de escrita e de estudos voltados para este trabalho não teriam sido as mesmas sem a amizade da Julia F (FF), que, além de amiga, é uma grande inspiração.

E aos quarenta e oito do segundo tempo uma parceria veio muito a calhar em vários sentidos – ajudou na força para terminar esse trabalho, nas escrituras finais e, especialmente, na formatação do texto. Obrigado, Kath!

Este trabalho demorou a sair por inúmeros motivos de maior ou menor relevância, mas que em todo caso não devem ser tratados aqui. E quando finalmente me prestei a sentar e a escrever o que vai abaixo, toda pressão que senti foi aquela que deve ser mais ou menos comum e presente ao se prestar a escrever alguma coisa a ser submetida à avaliação – o que, por outro lado, não é sempre comum em trabalho submetidos à leitura

de orientadores em geral. A avaliação das partes deste texto, assim como o seu resultado final, foi feita de maneira muito inspiradora e precisa (precisamente difusa, aliás) pelo Oscar, quem – pacientemente – me orientou. E vale aqui, para fazer valer uma ideia stevensoniana de raiz, bipartir o sujeito, fazer um duplo reconhecimento. Além desta inspiradora interlocução, a orientação indireta do Oscar foi tanto ou mais importante. A dizer, os artigos e livros de sua autoria – fossem sobre os mitos Yaminawa, sobre moinhos de vento de Dom Quixote ou as botellas del señor Klein – foram uma lição importante de que a antropologia como boa literatura é muito mais interessante.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM LAÇO DE PARENTESCO	23
CAPÍTULO 1: QUEM É, AFINAL DE CONTAS, TUSITALA, E O QUE A ANTROPOLOGIA E OS ANTROPÓLOGOS PODEM QUERER COM ELE	31
1.1. UMA OU DUAS COISAS SOBRE O FATOS DE STEVENSON TER FICADO À SOMBRA DE... POR EXEMPLO, JOSEPH CONRAD.....	32
1.2. DUAS HIPÓTESES SOBRE O ESQUECIMENTO..	37
1.2.1. Sobre certa genealogia literária	38
1.2.2. Uma vida de aventuras.	40
1.2.3. O modernismo avassalador.	43
1.3: ALGUMA CHAVE DE LEITURA	44
1.3.1.: Stevenson, suas leituras e possíveis (des) crenças ..	45
1.4: TUSITALA	47
CAPÍTULO 2: EU ESTAVA LÁ, NOS MARES DO SUL.....	49
2.1: BREVES DISSERTAÇÕES.....	51
2.2.: EM BUSCA DE ARES MAIS RESPIRÁVEIS	52
2.3.: NOS MARES DO SUL, POR STEVENSON	55
2.4: O ESTAR LÁ, PARA ANTROPÓLOGOS, POR ANTROPÓLOGOS.....	58
2.5: UMA CERTA LEITURA.....	64

2.5.2: Questão de linguagem	67
2.5.2.: o poder da observação, a força da interlocução e o <i>presente etnográfico</i>	69
CAPÍTULO 3: SOBRE DEMÔNIOS E VOZES	73
3.1: DUAS ESTÓRIAS.....	73
3.1.2: A Ilha das Vozes (The Isla of Voices) – 1893.....	74
3.1.2: O demônio na Garrafa (The Bottle Imp) – 1893	75
3.2: A ILHA DAS VOZES, ALGUNS COMENTÁRIOS E RELAÇÕES	77
3.2.1.: Canibalismos literal e literário.....	78
3.2.2: religião e política	80
3.2.3: relativismo proto-etnográfico e etnocentrismo ficcional	83
3.3: O Demônio na garrafa, alguns comentários e relações.	84
3.3.2: Conrad-Malinowski...-Stevenson.	85
3.3.3: Bruxaria havaiana e drama alemão.....	87
3.3.4: o demônio escocês por trás do kula polonês.....	88
3.3.5: De outros pactos com o demônio.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM NÓ CEGO DE PARENTESCO	95
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO: UM LAÇO DE PARENTESCO

(...) não devo ler romances, a não ser que esteja doente ou em depressão profunda. - Diário no sentido estrito do termo, Malinowski, p. 109-110.

Certa feita, ao ser interrogado a respeito de seu método, ou processo criativo como escritor, Umberto Eco foi assertivo na resposta: escrevo da esquerda para direita (2013). Calavia Saez também foi assertivo ao escrever que a antropologia, como qualquer outra ciência que se faz por extenso (e este não é um privilégio das ciências humanas), tem que ser literariamente competente para ser bem sucedida (2013). De certa forma, portanto, este trabalho pode ter um pouco desta função específica e estridente ao abordar uma relação já bem estabelecida e (mesmo que por vezes no silêncio epistemológico) acordada entre os seus praticantes: arrombar uma porta aberta, como se diz. Pois a antropologia se faz por escrito, é escrita da esquerda para direita (com a exceção da antropologia praticada lá onde a escrita se faz de modo diverso, naturalmente) e, então, é também literatura. Relação dada. Mas a questão, conforme a elaborei já lá no projeto de pesquisa, não é percorrer este caminho daqui para lá, isto é, seguir surfando na onda pós-moderna e buscando apontar o dedo – no duplo sentido da expressão – para as literatices dos antropólogos em suas monografias. No mais, este trabalho já foi feito de maneira exemplar, mais ou menos questionável (creio

que toda exegese é passível de questionamento na mesma medida em que toda etnografia o é) e mais ou menos lúdico (GEERTZ, 2009 [1988]). A ideia aqui é a de vir de lá para cá. O que quer dizer, neste caso, buscar na obra de um autor de literatura aspectos (de ordem metodológica ou literoetnográfica) que interessam, em geral, aos antropólogos.

Também não teríamos aí grande novidade, visto que a busca por elementos antropológicos ou sociológicos na obra de autores de literatura de ficção foi explorado algumas vezes e de maneira diversa (CALAVIA SÁEZ, 2011, 2006, 2004; CIOCARRI, 2009, BENZAQUEN ARAÚJO & VIVEIROS DE CASTRO, 1977; DA MATTA, 1965; MICELI, 2007, ÁVILA, 2007, GONÇALVES, 2012).

Para dar um exemplo, uma forma de trabalhar estes autores, como o fizeram Da Matta e Benzaquen Araújo & Viveiros de Castro, por exemplo, com o conto *O gato preto*, de Edgar Allan Poe e com o *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, respectivamente, que é o de utilizar as obras literárias para falar de assuntos concernentes à teoria antropológica, como a bricolagem levistraussiana e as teorias de indivíduo e sociedade e parentesco.

Conforme apontou Calavia Saez (2011), existem ainda aqueles autores que estão em certa fronteira. Autores que transitam entre a literatura de ficção e a etnográfica (para usar uma acepção de Marilyn Strathern). Para alguns exemplos: Darcy Ribeiro, Michel Leiris, Laura Bohannan e o próprio Calavia Saez.

Todos estes têm no currículo e fora dele etnografias e textos de ficção.

O caso do autor e a parcela de sua obra elencados para a interlocução, aqui, apresenta um dado (que pode não ser exclusividade sua) que me impressionou e aguçou meu interesse. Foi um autor do século XIX – nasceu e morreu na segunda metade do século dezanove. Foi um autor do século XIX que por motivos de saúde foi se refugiar nos Mares do Sul, partindo da Escócia, sua terra natal, passando pelos Estados Unidos em direção a Samoa. Contrariando o percurso típico dos etnógrafos, não iniciou sua carreira (que, como tal, não existiu de fato) “em campo”, mas antes a encerrou lá. Morreu e foi enterrado em uma ilha em Samoa, mas, antes disso passou pelas ilhas Marquesas, Gilbert, Tuamotu, etc. Como foi um escritor prolífico, em todo o período em que esteve em viagem, de passagem, ou residindo nas ilhas, escreveu. Cartas para seus amigos, familiares, e seu editor; escreveu contos, um romance (que ficou inacabado) e um relato de viagem. O relato de viagem escrito sobre um período curto em que passou pelas Marquesas, as Tuamotu, Kona, as Gilbert e travou contato com os nativos destes lugares, nos idos dos anos 1880, tem uma preocupação constante com tópicos caros a antropologia então em estado embrionário, aquela de Malinowski (não a dos evolucionistas vitorianos); assim como um tratamento literário – por muitas vezes, é claro, terminologicamente datado – etnograficamente rico.

E, além deste relato, os contos escritos no período em que estive no Pacífico Sul, são fruto destas experiências do autor. Ao invés de contar histórias exotizantes e carregadas de estranhamento, os contos trazem os nativos para o centro da história e suas crenças e práticas tornam-se elementos básicos no enredo. Ao menos os dois contos tratados neste trabalho possuem tais características.

O autor em questão é o escocês Robert Louis Stevenson, autor de clássicos da literatura inglesa como *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e *The Treasure Island*. O relato de viagem é o *Nos Mares do Sul* e os contos, *A Ilha das Vozes* e *O demônio na garrafa*.

E como a obra de Stevenson é extensa e boa parte dela foi escrita nos tempos em que residiu e viajou pelas ilhas do Pacífico, muito do que foi escrito – que poderia muito bem render páginas e páginas de análise e leitura de interesse (no interesse) antropológico lá presente – não será abordado nas páginas abaixo. Não tenho conhecimento de toda a obra do autor escocês, mas afirmo sem muito medo de errar que a maior omissão deste trabalho será o “panfleto” *Footnote to History*, que Stevenson escreveu quando estava em Samoa, demonstrando um profundo engajamento com os nativos daquelas ilhas frente aos conflitos colonialistas.

Como uma introdução também deve cumprir o papel de apresentar o conteúdo do trabalho que precede, aqui vai o

Resumo dos capítulos

1. Partindo da questão central do artigo de Calavia Sáez (2011) que esta monografia herdou, é necessária uma apresentação mínima da obra e vida de Robert Louis Stevenson antes da análise e argumentação a respeito. Com isso em mente, desenvolvi o primeiro capítulo do texto. Ali se encontra dados sobre a obra do autor que servirão à leitura específica que se pretende neste ensaio. Além destes, para tentar compreender os motivos que pudessem ter o levado ao ostracismo – um tipo de pré-ostracismo, ou quase-ostracismo, na verdade, já que nunca esteve de fato em evidência na disciplina... – antropológico, fiz um apontamento histórico-crítico-literário. E, por fim, para iniciar o diálogo com o capítulo seguinte, comento algumas leituras de formação e ligações – uma ligação em específico, na verdade – de Stevenson com certos paradigmas científicos de sua época. De todo modo, não custa informar que estas questões são tratadas num voo geral, sem maiores aprofundamentos. Para o desenvolvimento mais denso de uma busca a respeito dos temas ali tratados, uma atenção maior tanto às fontes biográficas específicas quanto às históricas, relativas ao contexto intelectual da época, seriam fundamentais.

2. Este capítulo trata do relato de viagem de Stevenson, *Nos Mares do Sul (In the South Seas)*. A maneira de apresentá-lo foi a seguinte: recortar algumas passagens do livro de modo a demonstrar, através da literatura do próprio, algumas preocupações e mesmo o estilo (literário e proto-etnográfico,

digamos) do autor; elencar e articular o argumento em torno da ideia do *eu estive lá*; por fim, através de algumas definições de James Clifford na esteira desta concepção (o *eu estive lá*), reconhecer algumas características que aproximam e distanciam esta obra de Stevenson de certa antropologia que se desenvolverá a partir de Malinowski, na década de 1920. Vale fazer notar que nesta sessão específica, em diálogo com as *seis* distinções feitas por Clifford (2011 [1994]) nem todas são tratadas. Os seis itens vão reelaborados lá, mas apenas quatro destes são utilizados no capítulo (: 1, 2, 3 e 6). Os outros dois aparecem de forma difusa no argumento desenvolvido no capítulo 3, sobre os contos de Stevenson. Tal explicação fará mais sentido na leitura dos capítulos em si.

3. Como Stevenson escreveu alguns contos no seu período de vida no Pacífico, contos estes ambientados nas ilhas e tendo como personagens principais os nativos das ilhas, escolhi deles dois para discussão proposta. No capítulo, um deles é relacionado com passagens do relato tratado no capítulo 2, de maneira a explorar as temáticas lá contidas e que interessavam ao autor; o outro é tratado em paralelo com dois trabalhos etnográficos.

No prelúdio desta pesquisa – i.e., no pré-projeto –, por assim dizer, não havia ainda um objeto de pesquisa em vista, ou recorte empírico selecionado. O interesse estava todo voltado para o tema mais geral: a relação entre antropologia e literatura. E dentre os artigos lidos nesse momento inicial, e que foram essenciais para as primeiras incursões pelo tema¹, um deve receber a devida valoração antes das páginas que seguem. Fazendo as vezes de farol e de lanterna, o artigo *Nos Mares del Sur: literatura y etnografía* (2011), de Oscar Calavia Sáez, foi uma grande provocação e que resultou nesta monografia – e que, como se notará ao cabo da leitura (desta e do artigo de 2011), levanta questões dentro da temática que ainda dão muito pano para manga. Como o artigo é ligeiro, não passa das quinze páginas, e a discussão que joga sobre a mesa é enorme, a questão que o autor coloca – em outras palavras, *como se dizer interessado na relação entre antropologia e literatura e ainda assim ignorar Stevenson?* –, motivou esta busca.

Por fim, as páginas que seguem são um itinerário possível em busca do embasamento desta pergunta a partir dos textos selecionados de Stevenson, mais do que qualquer tentativa em respondê-la. Portanto, é disso que deve se tratar este texto: uma tentativa de reiterar uma questão formulada alhures (o farol),

¹ Minha primeira, primeira incursão pelo tema foi, na verdade, quando iniciei o curso de antropologia, em meados de 2011. Li um ensaio de Oscar Calavia publicado pela revista do PPGAS da UFSC, **Antropologia em Primeira Mão**, intitulado *Na Biblioteca: Micro-ensaios sobre antropologia e literatura* (2006).

fazendo-a ecoar em outros cantos da obra de Stevenson (a lanterna), conforme a leitura deste que escreve.

CAPÍTULO 1: QUEM É, AFINAL DE CONTAS, TUSITALA, E O QUE A ANTROPOLOGIA E OS ANTROPÓLOGOS PODEM QUERER COM ELE

Depois de tudo (...) o que queremos saber não é o que se fez, mas porque se fez, ou ainda melhor, porque se pensou que se fazia; e para saber, se faz necessário ir até às pessoas. – Stevenson apud Rankin, 2010 [1987], p. 66.

Antes de ir direto aos pontos desta pesquisa, o que neste caso quer dizer: *tratar das obras selecionadas de Robert Louis Stevenson*, creio, vale a pena dedicar toda uma sessão – no mais, não muito longa – deste texto para esclarecer algumas questões de ordem biográfica e bibliográfica. Por isso, este capítulo.

Abaixo apresentarei alguns aspectos gerais biográficos e bibliográficos da obra de Stevenson e arredores. A razão para tanto é 1) supor alguma razão para o fato de os supostos interessados na relação entre literatura e antropologia terem dispendido tão pouca atenção à obra de RLS; 2) criar certo contexto para que se leia a obra de RLS sobre determinada chave. Por fim, pretende-se com esta sessão (somada a *Introdução* deste texto) preparar terreno para as leituras do segundo (sobre o relato *Nos Mares do Sul*) e terceiro (sobre os contos *A Ilha das Vozes* e *O demônio na garrafa*) capítulos.

1.1. UMA OU DUAS COISAS SOBRE O FATO DE STEVENSON TER FICADO À SOMBRA DE... POR EXEMPLO, JOSEPH CONRAD

[W. H. R.] Rivers é o Rider Hagaard da antropologia: eu serei o Conrad! (Malinowski para Seligman, apud Firth, 1957, p. 6). – Clifford, 2011: 97.

Um dos autores mais emblemáticos da chamada pós-modernidade em antropologia, James Clifford, que foi co-autor do célebre compendio de artigos pós-modernistas, fruto da reunião de Santa Fé, no Novo México – que, entre outras coisas, aborda a crise da representação na disciplina² -- dedicou-se em um artigo a tentar relacionar Bronislaw Malinowski, um dos pais da antropologia – como é chamado em alguns livros de história da disciplina (por exemplo: ERIKSEN; NIELSEN, 2010, p. 55) -- , com um escritor da primeira metade do século XX, Joseph Conrad (CLIFFORD, 2011 [1994]).

Joseph Conrad hoje frequenta o cânone da literatura inglesa. Sua obra foi redigida ainda na primeira metade do século XX. Fato fundamental para a análise de James Clifford é o de que Conrad, apesar de ser um grande nome da literatura *inglesa*, nasceu na Polônia e só foi começar a aprender inglês quando desembarcou na Inglaterra, aos 21 anos de idade, sem saber uma linha da língua (CIVITA, 1971, p. 203). Pois Malinowski também

² Clifford, James & Marcus, George. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. London: University of California Press, 1986.

teve que escrever sua obra numa língua que não era a sua materna.

Atento aos detalhes tanto de ordem teórica como histórica, Clifford não deixou escapar a frase proveniente de Malinowski – que se tornou famosa – em que reivindicava o posto de Conrad da antropologia já que a W. H. Rivers já estava reservado o posto de Rider Haggard³. Ao longo de seu artigo o autor não se limita a destrinchar a breve declaração de Malinowski, ou suas relações com Rivers (e as deste com Haggard) – seja lá em que plano for que essas relações se deem –, mas, antes, encontra outro ponto de partida, especificamente, certa *subjetividade etnográfica* presente na obra de ambos – relacionada, justamente, com a questão de como é trabalhada a língua em ambas as obras. Na contramão de certa tendência presente na arte e na escrita do século XX, que levou a uma “condição de descentramento num mundo de distintos sistemas de significado”, o autor volta sua atenção para dois autores – Conrad e Malinowski – que, devido sua situação particular, a dizer, de escritores que escreveram suas respectivas obras numa língua que lhes era estrangeira, acabaram por se autocentrarem, ou *automodelarem*.

(...) quero explorar duas poderosas articulações dessa subjetividade nas obras de Conrad e Malinowski, duas pessoas ‘deslocadas’, as quais estiveram às voltas (...)

³ Sir Henry Rider Haggard foi um famoso escritor inglês da passagem do século XIX para o XX.

com o cosmopolitismo e compuseram suas próprias versões ‘Sobre a verdade e a mentira em um sentido cultural’. Conrad pode ser visto como o mais profundamente comprometido com o tema, pois ele articulou em sua obra uma visão de natureza construída da cultura e da linguagem, uma ficcionalidade séria que ele deliberadamente, quase absurdamente, assumiu. (CLIFFORD, 2011, p. 97).

O artigo de Clifford oferece um destaque para questão (*literatura x antropologia*) por ser o próprio Clifford uma referência nesta região epistemológica da antropologia, por assim dizer, mas é necessário dizer também que a maneira de abordar o tema por ele adotada – relacionando autores de uma e outra área, ou apenas o autor com a área – já foi explorada em outras ocasiões, por outros autores.

Victor Hugo já foi posto ao lado de Philippe Descola (CIOCARRI, 2009), Shakespeare (*Romeu e Julieta*, mais especificamente) esteve na origem do Estado moderno (BENZAQUEN ARAÚJO &, VIVEIROS DE CASTRO, 1977), Edgar Allan Poe se mostrou um *bricoleur* da melhor qualidade (DA MATTA, 1965), e por aí vai⁴ - como foi mencionado acima.

⁴ É importante fazer notar a monografia de conclusão de curso de LÍlian Ávila, *Literatura e Antropologia: Fronteiras e Travessias* (Curitiba, 2007). Pesquisa em que a autora se empenhou em tratar da relação entre Literatura e Antropologia fazendo como ponte principal para sua análise uma leitura orientada (por certo interesse antropológico) dos contos homônimos de João Guimarães Rosa e Machado de Assis, *O espelho*.

A questão aqui é saber por que raios, tendo em vista especialmente a época em que foi concebida sua obra, Robert Louis Stevenson foi negligenciado pela parte interessada da antropologia nestes assuntos; e a partir daí, subsequentemente, demonstrar o motivo pelo qual não deveria ter sido. E como se poderá averiguar nas sessões adiante, algumas preocupações (essas são as pressuposições gerais, ou centrais, deste trabalho, a dizer, certa sensibilidade antropológica presente na obra deste autor) e ocupações – a nível prático, ou metodológico e literário – de Stevenson parecem antecipar o desenvolvimento da disciplina no início do século XX.

Antes de seguir, deve ser anotado o fato de que esta questão será tomada, nesta pesquisa, como uma reverberação ou uma amplificação de si mesma, só que feita, antes, em dois outros (con) textos – ao menos, dentre aqueles dos quais tive notícia.

Numa delas, num trabalho que deverá ser tratado com mais demora e atenção adiante (capítulo 3, sessão sobre o conto *O demônio na garrafa*), numa passagem precisa, a questão é colocada e uma hipótese ligeira é lançada: a identificação de Malinowski com Stevenson ficou à sombra da frase do antropólogo polonês endereçada à Brenda Seligman (- a frase da epígrafe deste capítulo) (GINZBURG, 2004, p. 108). Para não perder a referência, outra chave sobre a relação de Stevenson com Malinowski tratada no ensaio em questão, a correspondência do antropólogo com sua esposa, é citada; e nela vemos Malinowski fazer algumas asseverações sobre as *Letters from Vailima* -- parte

publicada das correspondências de Stevenson quando esteve em Samoa --, que leu no período que passou nas ilhas Trobriand fazendo o seu trabalho de campo, asseverações estas em que compara sua situação com aquela pela qual passara RLS:

Li um bom pedaço das cartas de Stevenson. Você tinha toda razão, elas me fascinaram, ao menos em parte. O interesse egoísta de Stevenson por sua saúde e seu trabalho é tão terrivelmente parecido com o meu que não posso deixar de encontrar passagens que eu mesmo quase já disse. [...] O egoísmo de R.L.S. por vezes me parece eslavo demais e efeminado demais. Mas temo que minhas cartas tenham o mesmo tom. Fiquei impressionado com uma passagem em que ele faz o louvor de seu heroísmo persistente e paciente na luta contínua contra saúde frágil e no esforço de prosseguir o trabalho a despeito da doença, da depressão e das forças minguantes. Já me senti muitas vezes assim e, na verdade, se não tivesse percebido a nota de heroísmo nesta batalha ignóbil, em que as armas são uma injeção [...], pastilhas e tisanas, teria sido impossível seguir adiante. [...] É possível que exista uma virtude espontânea e um fluxo fácil de energia criativa, derivado de uma superabundância de forças. Mas o caso trágico de um homem de ambição e talento, que tem o fardo valiosíssimo para carregar até determinado lugar, e a quem falta força física para fazê-lo, esse caso é tão digno de consideração quanto o outro, e temo que tudo isso conduza invariavelmente a esse interesse pronunciado por si mesmo, a essa extrema autoconsciência de cada feito a essa tendência a insistir nele e conta-lo a todos os amigos [...].

Também foi divertido ler aqui, à margem da laguna e à sombra dos coqueiros, as descrições que S. faz de Samoa e Honolulu,

sua percepção muito vívida e autoconsciente da estranheza exótica de sua nova existência em contraste com as rodas literárias da Londres civilizada onde Colvin vivia. Eu também vivi esse contraste e essa estranheza com muita intensidade e autoconsciência. (*The Story of a marriage*, v. I. 75-6 pp. apud GINZBURG, 2004 [2000], p. 107-08).

O outro caso provém de um ligeiro artigo (por volta de quinze páginas) que, de fato, como foi comentado acima, serviu de grande inspiração para esta pesquisa. Na busca de algo para pesquisar dentro da temática Antropologia x Literatura, ao explorar algumas possibilidades através de bibliografia indicada, este artigo me caiu em mãos. A pesquisa e a dissertação deste texto, portanto, seguem como que para averiguar se a seguinte colocação, por fim, se justificava (ou justificava a desatenção total dos antropólogos preocupados com essa relação em geral, e com os pós-modernistas que escreveram a respeito em especial):

Como ignorar um escritor que de tantos modos adiantou os métodos, as preocupações e os sentimentos que serão os distintivos de Malinowski e seus herdeiros? (CALAVIA SÁEZ, 2011, p. 18).

1.2. DUAS HIPÓTESES SOBRE O ESQUECIMENTO

Stevenson foi um bom exemplo de uma época em que os escritores não eram ainda os principais personagens dos escritores, nem tampouco seus principais leitores. – Calavia Sáez, 2011, p. 29.

Em geral, se ignora o que não é visto. E Stevenson e sua obra, algumas décadas após sua morte, foram suplantadas por uma reviravolta no cânone da literatura ocidental – que o deixou de fora. Antes de adentrar essa questão, algumas palavras sobre a obra do autor.

1.2.1. Sobre certa genealogia literária

A popularidade que gozou em vida, como autor de algumas obras que se tornariam clássicos da literatura inglesa e em diferentes gêneros, não foi o suficiente para que sua obra fosse parcialmente esquecida no início do século XX. De literatura infanto-juvenil escreveu *A Ilha do Tesouro* (*The Treasure Island*); os seus poemas foram muito elogiados por Jorge Luis Borges, algumas décadas após sua morte⁵; do suspense psicológico, *Markheim* é um caso emblemático, mas, certamente, a novela que talvez seja a sua obra mais popular entre todas as suas oito mil páginas escritas⁶ é *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mrs. Hyde* (*The Strange Case of Doctor Jekyll and Mr. Hyde*), popular entre os leitores de língua portuguesa como “O

⁵ Ao comentar sua obra, Borges escreveu: “A gente pensa em Stevenson como autor de *A ilha do tesouro*, obra para crianças, e tem um pouco de descaso por ele. Esquece que foi um admirável poeta e que, além disso, é um dos mestres da prosa inglesa.” (Borges, 2002: 372)

⁶ Pelo menos é este o número de páginas reunidas na versão digital de suas obras completas consultada para esta pesquisa (Inktree)

médico e o Monstro”); o então incipiente gênero policial foi explorado na aventura macabra do príncipe Florian em *O clube do suicídio*, conto este que remete aos casos de Dupin, detetive criado por Edgar Allan Poe, ou mesmo os contos protagonizados pelo padre Brown, de G. K. Chesterton⁷, ambos – Poe, por ser mais antigo, mais do que Chesterton – escrevendo num gênero literário então em germe, por assim dizer: o policial.

Estes três autores, aliás, têm lá alguma relação. Chesterton passa boas páginas de um ensaio seu sobre a vida e obra de Stevenson intitulado, *Robert Louis Stevenson*, debatendo-se com a alegação que um crítico escreveu nas páginas do *London Mercury*, num estudo sobre Stevenson, comparando sua obra a de Edgar Alan Poe. No que conclui que a melhor e mais curta maneira de comparar Stevenson com Poe é ter em mente que o “talento artístico” de Stevenson se encontra na oposição a um “tipo rico de podridão e decomposição, com algo espesso e narcótico no ar” onipresente na obra de Poe.

E para não perder de vista esta genealogia involuntária, proveniente dos autores que leram e escreveram sobre Stevenson, Borges é assertivo em relação à influência que Chesterton sofreu do autor escocês: toda a obra novelística do autor inglês provém do livro *As novas mil e uma noites*, de Stevenson. (BORGES, 2002, p. 381).

⁷ Respectivamente: Poe, Edgar A. *A carta roubada*. In. _____. Histórias Extraordinárias. São Paulo: Abril Cultural; e Chesterton, G. K. *A inocência do Padre Brown*. Porto Alegre: L & PM.

A literatura a respeito apresenta duas pistas sobre os motivos que levaram a este relativo ofuscamento da obra de Stevenson em relação a outros autores que vieram antes ou depois. Elas são

1.2.2. Uma vida de aventuras.

A popularidade de sua obra não foi o suficiente para competir com a popularidade das suas peripécias em vida narradas nas biografias escritas e publicadas nos primeiros anos posteriores a sua morte, em 1894. Além dos ensaios homônimos de Henry James e G. K. Chesterton (ambos foram intitulados, *Robert Louis Stevenson*) comentando sua vida e obra, nas obras completas de Stevenson consultadas para esta pesquisa (Inktree, formato digital), contavam duas biografias do autor e uma de sua esposa. Uma delas foi escrita pelo seu tio, Sir Graham Balfour, e foi intitulada: *The life of Robert Louis Stevenson* (1901); outra intitulada sugestivamente: *The life of Robert Louis Stevenson for boys and girls*, de Jacqueline M. Overton (s/d); e, por fim, *The life of Mrs. Robert Louis Stevenson* (1920) de Nellie Van De Grift Sanchez⁸.

⁸ A vida de Stevenson, segundo Arriguci, monopolizou até mesmo a crítica: “A fortuna crítica acabou muitas vezes emaranhada em valores biográficos e psicanalíticos sem dar conta dos nós que ela mesmo cria.” (ARRIGUCCI JR., 2011, p. 9).

O ensaio bioliterocrítico escrito por Chesterton é um bom indício e também uma crítica contundente a este movimento imediato, posterior à morte de Stevenson. O autor, a seu modo, coloca a crítica literária de então do avesso ao propor para si:

a releitura de seus livros [de Stevenson] como ilustração de sua vida; ao invés de ler sua vida como ilustração de seus livros. E faço isso de maneira deliberada, não porque sua vida não fosse tão interessante como qualquer um de seus livros, mas porque o hábito de se falar muito sobre sua vida já levou, de fato, a se pensar muito pouco sobre sua literatura. (CHESTERTON, s/d, P. 37-39)

Além deste ensaio, a biografia um pouco heterodoxa – misto de biografia com relato de viagem –, mas extremamente coerente com o biografado (o autor se torna um itinerante para compor seu texto, passando por cada lugar por onde esteve RLS, e comparando sua visão com aquela que ficou registrada sobre ou por Stevenson), escrita pelo jornalista inglês Nicholas Rankin (2010 [1987]), corrobora este deslumbramento com a vida de aventuras deste que também foi um autor de histórias de aventuras, fossem elas imaginadas ou vividas.

(...) o mito que floresceu entre os vinte anos transcorridos entre a sua morte e a Primeira Guerra Mundial: a história de um artista nascido na ‘velha e romântica cidade escocesa’ de Walter Scott, no seio de uma família de engenheiros que construía faróis para iluminar uma indômita escuridão. Burguês de nascimento e boêmio por vontade própria, foi de encontro à fé de seu pai e repudiou a vestimenta tradicional de sua

classe. Criativo e enfermo, escreveu novelas, histórias de fantasmas (...). Depois de passar por poucas e boas em sua viagem até a Califórnia para casar-se por amor, zarpou para o Pacífico tropical. Foi viver na distante Samoa onde mulheres andavam com o peito desnudo e flores nos cabelos, e guerreiros musculosos com machados de cortar cabeças. Ali recebeu o nome Tusitala (...), e ali morreu aos quarenta e quatro anos e foi enterrado com as honras de um chefe no alto de uma montanha. (RANKIN, 2010 [1987], P. 26).

Uma informação relevante levantada por Rankin é a de que o interesse causado pela vida agitada de Stevenson levou a proliferação de edições de suas obras completas logo após o seu falecimento: pelo menos cinco edições até 1914⁹, além das já citadas biografias e também o compilado de suas correspondências. Este “mito romântico” irá perdurar até por volta do início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. E este é um dado importante. Pois, conforme uma artigo do *Times Literary Supplement* (de 4 de dezembro de 1919), citado por Rankin, a demanda da crítica e do público do período da e subsequente a Guerra, não correspondia à *certa* e, talvez, a época, mais popular parcela da obra de Stevenson. O romance de aventura no estilo stevensoniano perde o seu sentido – “o único romantismo mais ou menos aceitável hoje [relembrando, em 1914] é o da experiência” diz o artigo citado por Rankin.

⁹ Rankin, loc. cit.

1.2.3. O modernismo avassalador.

E se o interesse pela vida de Stevenson atenuou o interesse por sua literatura, certa mudança no cenário literário da época – da literatura inglesa, para ser mais preciso – também contribuiu para tal. Stevenson teria passado por um período de exílio, por assim dizer, longe do cânone da literatura inglesa (OLIVEIRA, 2009), durante o período em que vigoraram estas (tentativas de) mudanças no cenário da escrita. E essas mudanças, ou tentativas de mudança com relação à *forma* adotada por alguns autores, se deu logo nas primeiras décadas do século XX.

Jack Goody, ao traçar a história do romance, lança o seguinte comentário, mais ou menos esclarecedor sobre o período em questão:

Certamente, foram feitas algumas tentativas de antirromance, ou esforços radicais de reorganizar-lhes a forma em linhas menos narrativas. James Joyce, Virginia Woolf, os autores da *nouveau roman* seguiram essa direção (...). (GOODY, 2009, p. 63).

E, no entanto, a obra de Stevenson não foi completamente relegada ao ostracismo. Borges, por exemplo, um dos maiores escritores da literatura mundial e, para usar uma distinção particularmente interessante – especialmente no contexto da discussão apresentada no ensaio em que foi feita (CALAVIA SÁEZ, 2006) –, um *antropólogo honorário*, em suas aulas sobre literatura inglesa (BORGES, 2002), algumas décadas

pós-insurreição do “anti-romance”, dedicou algumas aulas a sua obra; para não falar de suas leituras ocasionais¹⁰.

As publicações das obras de Stevenson em português até os dias de hoje são um bom indício de que o autor ainda é lido e apreciado mundo afora – enquanto escrevo estas páginas recebo a notícia de um amigo livreiro de que o relato de viagem que o autor escreveu em suas andanças pela França, *Viagem com um burro pelas Cevenas* acaba de ser lançado em português, numa edição de luxo¹¹.

1.3: ALGUMA CHAVE DE LEITURA

Além dessas ligeiras hipóteses acerca de certo desaparecimento de RLS do cânone ocidental (que explica mas não explica) que teria levado ao descuido dos antropólogos preocupados em achar relações entre antropologia e literatura deixando passar aquele que foi, provavelmente, um dos mais

¹⁰ Um biógrafo tardio de Stevenson comenta no prólogo de seu livro que, certa vez, ao encontrar-se com Borges em Barcelona – e a esta altura o autor argentino já estava cego e dependia de terceiros para fazer suas leituras – se viu as voltas com a questão: “O que ler para o homem que já leu tudo?”. Pois a resposta foi um livro usado que comprara em Londres, uma edição velha, cinza de *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, uma vez que lhe veio à mente as palavras de Borges em seu ensaio *Borges y yo*: “Me gustan los relojes de arena, el sabor del café y la prosa de Stevenson.” (Borges, 1960: 69 apud Rankin, 2010 [1987]: 20).

¹¹ <https://carambaia.com.br/blog/o-burro-a-carga-e-a-albarda/>

antropológicos dos escritores não-antropólogos da segunda metade do século XIX, é possível ainda acrescentar uma e outra informação de ordem bio e bibliográfica sobre os assunto. Trata-se do contexto intelectual em que o autor desenvolveu sua obra, e alguns diálogos ou inspirações possíveis.

1.3.1.: Stevenson, suas leituras e possíveis (des) crenças

- Me parece (...) que teu amigo, o senhor Hebert Spencer, é um excelente escritor de bagatelas polissilábicas. – Stevenson ouviu tal parecer em conversa com o pai, Thomas Stevenson, In. Stevenson, Thomas Stevenson, engenheiro civil, s/d apud Rankin, 2010 [1987], p. 95.

O desenvolvimento esquemático, em termos de metodologia, da antropologia moderna (ou de certa antropologia moderna) será alcançado no início do século XX. Stevenson escreveu na segunda metade do século XIX; e foram de sua autoria novelas, poemas, contos, muitos destes fortemente influenciados por suas experiências e sua relação com os acontecimentos circundantes. Não por acaso, foi também autor de alguns relatos sobre as viagens que fez. Suas histórias urbanas, os contos do príncipe Florian, podem muito bem terem sido fruto das experiências que o autor viveu junto aos ladrões, as “mulheres de má vida”, ainda em Edimburgo. (BORGES, 2002, p. 372). Pois bem. Desta feita é importante apontar para experiências bibliográficas e crenças do autor, para assim termos

em conta algumas inquietações que serão expressas tanto no *Nos Mares do Sul*, relato a ser comentado no capítulo 2 deste texto, como nos dois contos selecionados, escritos em suas viagens e residência pelo Pacífico Sul, tratados, aqui, no terceiro capítulo.

O grande estudioso escocês, que também foi poeta e historiador, Andrew Lang, foi uma figura muito popular em seu tempo. Para que se tenha alguma dimensão da vastidão de seus estudos, Lang escreveu quatro volumes sobre a história da Escócia; seus estudos inspiraram *Totem e Tabu*, de S. Freud (segundo o próprio Freud); escreveu sobre folclore e adaptou seus estudos para um público infantil; e, por fim, traduziu e adaptou, em prosa, a *Ilíada* e a *Odisseia*, de Homero. (Borges, 2002: 252) (RANKIN, 2010 [1987], p. 120)¹². Stevenson e Lang se conheceram e ao que tudo indica nutriam alguma admiração mútua. Stevenson, por exemplo, levava imagens de Lang a bordo da escuna *Casco*, em sua peregrinação pelas Marquesas (STEVENSON, 2001 [1886], p. 23) (CALAVIA SÁEZ, 200, p. 16). Jorge Luis Borges, que estudou a literatura inglesa a fundo, e conhecia bem a obra de um e do outro, dedicou alguns versos a relação dos dois:

“[...] y el agrado que dan
La previsión de un hábito
y el establecimiento de un orden.
Stevenson y el otro escocés, Andrew Lang,
reanudarán aquí, de manera mágica,

¹² E há ainda uma citação de Lang, que para este estudo pode soar, no mínimo, curiosa: “Se houvessem me pago por isso, teria sido antropólogo.” (RANKIN, 2010 [1987], p. 120).

la lenta discusión que interrumpieron los mares y la muerte. (BORGES, 1969 apud RANKIN, 2010 [1987] p. 121).

Stevenson também foi um grande leitor de Hebert Spencer e teria sido muito influenciado por suas teorias evolucionistas, em sua juventude. Fato que levou ao atrito constante com o protestantismo de seu pai, Thomas Stevenson, que, quando soube que seu filho já não acreditava mais em deus, urrou assombrado, “A culpa é do Hebert Spencer!” (RANKIN, 2010 [1987], p. 95). Ainda que esta imagem do jovem Stevenson pareça apontar para um grande partidário das ideias evolucionistas disseminadas no século dezanove, o autor, junto de Chesterton, foi colocado entre aqueles que, apesar da ebulção política por trás do amplo debate, era um tipo sem partido nesses assuntos (BORGES, 2002, p. 245). Ou melhor, seguindo o raciocínio, o partido e a crença do autor estavam mais alinhados com o seu ofício do que com qualquer outra coisa:

Stevenson não era um homem religioso, mas tinha um grande sentido ético. Acreditava, por exemplo, que um dos deveres da literatura era o de não publicar nada que deprimisse os leitores. (BORGES, 2002, p. 375).

1.4: TUSITALA

O epíteto *Tusitala* que Stevenson recebeu em Samoa, o qual adotou – chegou a usar o nome como pseudônimo em um

conto, em 1892 (GINZBURG 2004, p. 91) –, significava em samoano algo como, “aquele que conta histórias”. E, no entanto, ao batizarem-no desta forma os samoanos não tinham em mente, necessariamente, sua larga obra escrita – seus milhares de páginas de história justificariam muito bem a alcunha em que língua fosse. Pois o que justificou o nome foi uma prática adotada por Stevenson corriqueiramente (mas, no entanto, com intenções nem sempre corriqueiras...): a de contar histórias oralmente.

CAPÍTULO 2: EU ESTAVA LÁ, NOS MARES DO SUL

Stevenson tem o dom de trabalhar uma relação pessoal com o leitor, compartilhando com este todas as experiências, até o brilho do cigarro noturno refletido em seu anel de prata: é um eu palpável na escuridão, uma presença viva e imediata ao longo do livro. RLS se converteu num flautista de Hamelín, tem o poder de fazer-se seguir pelos demais. – Nicholas Rankin, 2010 [1987], p. 163.

Em suas conclusões intempestivas acerca da literatura contemporânea, a crítica de literatura, Leyla Perrone-Moisés, chama atenção para a larga popularidade do (antiquíssimo) gênero dos relatos de viagem nos dias de hoje. Tentando compreender a persistência de tal popularidade num mundo em que as “viagens a locais longínquos se tornaram banais, e os documentários filmados nos mostram esses lugares e seus habitantes ‘ao vivo’”, a autora formula a seguinte (tentativa de) resposta para tal interesse:

Esses leitores querem encontrar um olhar sobre o alhures que não seja o de uma câmera ou de um celular, mas um ‘olhar reflexivo’, e ‘visões comentadas’ que só a linguagem verbal pode fornecer. (PERRONE- MOISÉS, 2016, p. 262)

Ao compor um relato de viagem, supõe-se, cada autor tem lá suas próprias intenções e, dependendo da maneira como se

pretende fazer uso da viagem e do relato, a que servirá, no fim das contas, o texto a partir de tal experiência, a leitura pode ser encaminhada para diferentes interpretações e suscitar interesses diversos. E, claro, o “olhar reflexivo”, ou as “visões comentadas” devem reter a atenção do leitor tanto quanto o lugar de onde provém. Um relato de viagens escrito por um antropólogo, nos idos dos anos 1950, por exemplo, pode receber a qualificação de literário, ou até de excessivamente literário devido o seu estilo heterodoxo de (des) utilização do método (muito mais se o autor em questão levar bastante a sério questões de ordem teórico-metodológicas...). Da mesma forma e seguindo na contramão do exemplo anterior, um relato de viagens escrito nos anos 1880 pode muito bem chamar atenção para leituras de viés antropológico; muito mais se contiver preocupações – em nível de texto – metodológicas e descritivas que prenunciem o evento etnográfico que será inaugurado apenas na segunda metade do século seguinte por Malinowski e companhia...

*

Este capítulo deve servir para expor e comentar passagens do livro *Nos Mares do Sul* (*In the South Seas*) (1896), de Robert Louis Stevenson. Em relação de complementariedade com a exposição e comentários acerca dos dois contos do mesmo autor que preenchem o terceiro capítulo deste texto, o objetivo

aqui é o de fazer uma leitura antropológica e uma exposição geral – no sentido de fazer sublinhar certas passagens que pareçam indicar uma preocupação textual análoga àquela presente em textos de antropólogos; coisa, aliás, que Stevenson *não* foi – focadas, ambas, especificamente, neste livro.

Neste caso, além de uma introdução geral à ideia do *Eu estive lá* e variantes, proposta em certo contexto epistemológico – a partir do diálogo com autores elencados –, a leitura e a organização das passagens selecionadas do relato de Stevenson vai guiada aqui de maneira bastante específica. Conforme se lerá abaixo, é a partir da distinção feita por James Clifford *de seis características fundamentais presentes no antropólogo-(e)-cientista-(e)-profissional do início do século XX*, que propus certa leitura do relato *Nos Mares do Sul*. Espero que o fato de muitas das observações e escolhas metodológicas presentes no texto de RLS possuírem grande valor antropológico chame mais atenção do que o esforço em fazer encaixar tal leitura, esforço esse que é, no mais, algo mais ou menos (dependo dos humores ou das crenças disseminadas) comum em trabalhos como este que escrevo.

2.1: BREVES DISSERTAÇÕES

A título de apresentação geral, deve-se esclarecer que o relato que pretendo explorar aqui, com o fim de desenvolver

algumas reflexões de viés antropológico (assim espero), foi descrito em certa ocasião da seguinte maneira:

(...) um testemunho vivo, razoavelmente amplo da vida nas ilhas, descrevendo a sua paisagem, as condições que os diversos meios geográficos impõem (...), [o autor se dedica no relato a] breves dissertações ao que poderíamos chamar de *ethos* (ele não usa essa palavra), seus rituais, suas artes, seu modo de reelaborar o cristianismo. (CALAVIA SÁEZ, 2011, p. 16).

2.2.: EM BUSCA DE ARES MAIS RESPIRÁVEIS

- *Como você valora Stevenson? – o perguntei.*

- *Em minha opinião, não há dúvida de que é um escritor de primeira fila que tem estado na sombra de James e Hardy nos estudos de literatura inglesa. Deveríamos tirá-lo dessa terra do nunca do romance e da literatura infantil. Em seu tempo, era o autor melhor formado e preparado para interpretar a história, sobretudo a do Pacífico. Tinha uma mentalidade quase científica.* – Nicholas Rankin (2010 [1987], p. 358), de uma conversa sua com o catedrático havaiano que estuda a obra de Stevenson, Barry Menikoff.

É certo que algumas perspectivas contidas nesta obra de Stevenson contêm marcas, ou vícios de linguagem, próprios do período em que foi escrita. Como diria um antropólogo, “que atire a primeira pedra aquele que escreve sem se deixar afetar pelas fantasias de sua época¹³”, fantasias de toda ordem (com ou

¹³ GEERTZ, 2009 [1988]: 73.

sem o aval do (s) discurso (s) científicos do momento) e pela *linguagem* corrente, tomemos a licença para acrescentar-lhe. A sensibilidade literária e a clareza da descrição e exposição de ideias do autor não deixam dúvidas em alguns momentos a respeito de sua filiação intelectual com algumas correntes científicas da época (conforme os comentários feitos no capítulo anterior). No entanto, sua convivência com os nativos das ilhas pelas quais passou e o engajamento que teve com os contextos locais afloraram em suas páginas uma sensibilidade antropológica que, a bem dizer da verdade, seriam desenvolvidas apenas algumas décadas mais tarde – a nível textual, ou etnográfico – com Malinowski e companhia.

E, além do mais, *Nos Mares do Sul* não foi o primeiro relato que Stevenson escreveu sobre uma viagem que fez. Antes destes foram publicados outros tantos. Estes relatos foram sendo escritos e publicados ao longo da vida itinerante que o autor levou. No período em que passou na França, por exemplo, escreveu os *An inland journey* (1878) e *Travels with a donkey in the Cévennes* (1879). *Across the plains* (1892) e *The amateur emigrant* (1895) foram os livros escritos durante sua passagem pelos Estados Unidos. *Nos Mares do Sul* (1896) foi publicado postumamente, e corresponde aos dois anos em que o autor percorreu as ilhas Marquesas, as Tuamotu e as ilhas Gilbert, após partir com a escuna *Casco* de San Francisco, Califórnia (STEVENSON, *Complete Works*, s/d).

O “egoísmo”, citado por Malinowski em carta endereçada à sua esposa, E. Masson, que Stevenson mantinha em relação ao seu trabalho e saúde (ver citação na p. 38), não era expresso apenas em sua obra. Ou melhor, não era expresso diretamente em sua obra. Pois se muitos de seus trabalhos foram frutos colhidos das experiências vividas pelo autor, muito da experiência adquirida foi, justamente, através das viagens que fez em função de sua saúde frágil. Seus problemas respiratórios levaram os médicos que consultava a lhe recomendarem ares mais respiráveis, por assim dizer, que os de Edimburgo, recomendações essas que o levaram, ao cabo, aos Mares do Sul¹⁴. As linhas que abrem seu relato são bastante esclarecedoras nesse sentido:

Havia quase dez anos que o meu estado de saúde se agravava; e pouco antes de empreender esta minha viagem, eu acreditava ter chegado ao epílogo da vida, sem que nada mais me restasse além da enfermaria e do agente funerário. Aconselharam-me uma viagem aos Mares do Sul; não relutei em visita-los, mesmo como um fantasma, carregado como um fardo através de cenários que haviam me atraído em pleno vigor da juventude. (STEVENSON, 2001, p. 17).

¹⁴ Uma nota da edição brasileira de *In the South Seas* (Iluminuras) esclarece do que se trata, afinal, essa denominação mais ou menos genérica: “Mares do Sul: ou Pacífico Sul, o mar entre a América, a Ásia e a Austrália. Banha a Oceania, região que compreende o continente australiano, e diversos agrupamentos de ilhas de origem continental, vulcânica e coralina. A Oceania divide-se em duas grandes partes: a Melanésia e a Polinésia, divisão mais etnográfica que geográfica. As raças que a habitam são os melanésios (papuas, canacas) e os polinésios.” (p. 259).

2.3.: *NOS MARES DO SUL*, POR STEVENSON

Às pessoas que não estão acostumadas às paisagens do Pacífico Sul é bem difícil dar a ideia dessa festa de cores, da brancura tentadora das praias, de um lado cingidas pelas árvores da selva e palmeira e, de outro, pela espuma branca e pelo azul do mar. Acima das praias alteiam as colinas, em grandes sulcos de verde claro e escuro, ensombradas no topo por uma névoa esgarçada e tropical. – Malinowski, 1978 [1922], p. 39.

Nenhuma outra parte do mundo exerce o mesmo poder de atração sobre o visitante; minha tarefa aqui consiste em comunicar aos viajantes de pé de lareira um pouco desta sedução, em descrever a vida, em terra e em alto-mar, de milhares de pessoas, algumas de nosso próprio sangue e idioma, todas contemporâneas nossas, mas tão distantes em pensamentos e hábitos quanto Rob Roy ou Barba Ruiva, os apóstolos ou os Césares. - Robert Louis Stevenson, 2001 [1896], p. 17.

Uma maneira apropriada de apresentar *Nos Mares do Sul*, de Robert Louis Stevenson, é deixar que algumas passagens façam as vezes, metonimicamente, de exemplo do todo. Ao menos no que diz respeito à força descritiva do texto, de paisagens, indivíduos, questões culturais de modo geral. Sem mais, as passagens abaixo foram organizadas para tal fim – para que Stevenson justifique-se um pouco em relação a essa pesquisa.

Aqui, a abertura do primeiro capítulo da segunda parte do livro, intitulado, *O arquipélago dos perigos – atóis ao longe*. Neste parágrafo o autor apresenta os aspectos gerais das ilhas Tuamotu.

Aquela vasta extensão de oceano, chamada imprecisamente de Mares do Sul, alarga-se de trópico a trópico, e talvez de 120 graus O a 150 L, um paralelogramo de cem graus por quarenta e sete, onde os graus são muito espaçados. Grande parte é vazia, enquanto a outra é polvilhada por muitas outras ilhas que são, por sua vez, de dois tipos. Nenhuma distinção é tão frequente nos relatos sobre os Mares do Sul do que aquela entre as ilhas ‘baixas’ e as ilhas ‘altas’, e não há outra tão claramente assinalada pela natureza. Nem mesmo entre o Himalaia e o Saara a diferença é tanta. De um lado, a maioria em um grupo de oito a doze, ilhas vulcânicas elevam-se acima do mar; poucas atingem uma altitude de menos de mil e duzentos metros; uma excede quatro mil metros; os cumes estão quase sempre obscurecidos por nuvens, todas elas são forradas por diversas florestas, todas são abundantes em alimento, e todas são notáveis pela paisagem pitoresca e solene. Do outro lado, temos o atol; uma coisa de origem e história enigmáticas; pretensa cria de um inseto aparentemente não identificado: de forma rudemente anular, encerra uma laguna, raramente se estende por mais de um quarto de milha em sua amplitude máxima, e seu ponto mais alto é com frequência inferior à estatura de um homem – homem que, além do rato e do caranguejo, é seu principal habitante; também não apresenta maior variedade de plantas, e oferece aos olhos, ainda que perfeito, apenas um anel de praia cintilante e folhagem verde, rodeando e rodeado pelo mar azul. (STEVENSON, 2001, p. 101).

No terceiro capítulo da quinta parte do livro, intitulado, *O rei de Abemama: o palácio de muitas mulheres*:

Os arredores do palácio são revestidos de fragmento de coral, torturante para os olhos e para os pés descalços, mas primorosamente revolvidos e capinados. Vinte ou mais construções alinham-se numa espécie de rua ao longo da paliçada, espalhadas à margem do terraço; residências para as esposas e servas, depósitos para as raridades do rei, espaçosas *maniap*'s para festas ou conselhos, algumas erguidas sobre pilares de madeira, outras pilastras de alvenaria. (Ibid., p. 222).

O pátio do palácio ao meio-dia é um lugar para ser lembrado com admiração, o visitante deslocando-se por ali, nas pedras soltas, através de um esplêndido pesadelo de luz e calor; mas o redemoinho de vento livra-o de moscas e mosquitos; e ao pôr-do-sol ele fica magnífico. Lembro-me melhor dele nas noites que não havia luar. O céu era como um banho lácteo. Havia inúmeras estrelas brilhantes lá em cima, e ladrilhando a laguna. O bando de esposas, agachadas em grupos no cascalho, conversavam suavemente. Tembinok' tirava a jaqueta e sentava-se nu e silencioso, talvez inventando canções (...). (ibid., p. 222).

E, por fim, uma experiência de “afetação” nos moldes de Favret-Saada (2005 [1990])¹⁵:

Durante certo tempo, o feiticeiro ficou atrás de mim, sem que eu pudesse vê-lo, fazendo passes no ar com um ramo de palmeira. Então ele bateu levemente na aba de meu chapéu de palha, e continuou a repetir esse gesto periodicamente, às vezes roçando em vez do chapéu meu braço e meu ombro. Já deixei que pessoas tentassem me hipnotizar

¹⁵ FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, nº 13, 2005. 155-161 pp.

mais de uma dúzia de vezes, e nunca deu qualquer resultado. Mas ao primeiro toque – num ponto tão vital quanto meu chapéu de palha, aplicado por algo tão pouco virtuoso quanto um ramo de palmeira empunhado por um homem que eu nem conseguia enxergar – o sono investiu contra mim como um homem armado. Meus tendões enfraqueceram, meus olhos fecharam-se, meu cérebro zumbiu de sonolência. Resisti – primeiro instintivamente, depois num certo acesso de desespero, no final com sucesso; se é que se pode considerar sucesso eu ter conseguido colocar-me de pé, ir tropeçando sonâmbulo para casa, atirar-me imediatamente na cama, e ali mergulhar imediatamente num estupor desprovido de sonhos. Quando despertei, meu resfriado havia desaparecido. E é assim que deixo de lado essa questão que não compreendo. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 238).

2.4: O *ESTAR LÁ*, PARA ANTROPÓLOGOS, POR ANTROPÓLOGOS

O modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo é assim expresso: Você está lá... porque eu estava lá. –James Clifford, 2011 [1994], p. 18.

É difícil descrever as sensações de suspense e extremo interesse que o etnógrafo experimenta [...]. – Malinowski, 1978 [1922], p. 50.

Mesmo que de viés pessimista para com a etnografia, ou os rumos da etnografia, tendo em vista o fato de esta ter nascido em certo contexto específico – a dizer, nas primeiras décadas do século passado e balizada com o trabalho clássico de Malinowski,

Argonautas do Pacífico Ocidental (1922) – que proporcionou o desenvolvimento e sustentação de aspectos metodológicos e narrativos, as análises críticas pós-modernistas acabam, quase sempre, com *proposições* a nível textual ou etnográfico. Salvo exceções – a “briga” de Mariza Peirano *a favor da etnografia* com o antropólogo australiano, Nicholas Thomas, pode servir como ilustração para uma dessas exceções, uma vez que o seu interlocutor posiciona-se *against ethnography*¹⁶ – a ideia geral não parece ser a de se desfazer por completo da etnografia, mas, antes, de reformular (ou repensar) certos preceitos ali incutidos. Por fim, não parece ser pretensão jogar o etnógrafo fora junto com a água do banho. Certamente, e em alinhamento com a observação de Marcio Goldman (1999, p. 21), a dizer, que existem tantas formas de fazer (ou entender) antropologia – no caso do tratamento que o autor dá ao tema, há tantas formas de tratar de um conceito, quanto o número de interessados nele – quanto antropólogos, as novas proposições pós-modernas seguem caminhos variados.

Textos que de alguma forma mapeiam essas novas (dos anos 1980...) etnografias, como o de Clifford Geertz, na introdução de seu estudo antropológico-crítico (2009 [1988]), ou Teresa Pires do Rio Caldeira (1988) em seu artigo sobre a presença do autor e a pós-modernidade em antropologia, por exemplo, podem ser elucidativos. Nestes artigos, os autores apresentam pequenas resenhas de antropólogos que supostamente

¹⁶ Peirano, Mariza. **A favor da etnografia**. In. _____. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 30.

pertenceriam a essa tentativa pós-moderna (não no sentido sacro-escolástico, necessariamente, mas no de algo que se tentou como alternativa e posteriormente ao método moderno malinowskiano de coleta e exposição dos dados etnográficos) de etnografias experimentais.

No entanto, voltemos atenção para uma das epígrafes deste capítulo. A fórmula ali expressa por Clifford é a análoga a que utiliza Geertz para justificar uma leitura com um mesmo viés metodológico dos trabalhos de Bronislaw Malinowski, Claude Lévi-Strauss, Ruth Benedict e Edward E. Evans-Pritchard: “Você está lá... Porque eu estava lá.” – ainda que cada um desses autores faça o seu caminho, ou melhor, lance mão de um estilo próprio de escritura, que o leve até esta fórmula. Geertz, como um crítico literário que não pretende ser (2009 [1988], p. 12), erige sua argumentação com sua atenção (quase) toda voltada para aspectos literários dos autores escolhidos. A tentativa é mostrar para o leitor que estes autores são admiráveis – ou foram admirados, no sentido de *lidos*, até então, até a leitura atenta de Geertz por cima de nossos ombros –, justamente, por conseguirem a nível textual passar sua experiência adiante. É a forma encontrada pelo autor de acabar com a inocência literária centenária da disciplina (Ibid., p. 39). Nas palavras do próprio

Os etnógrafos precisam convencer-nos (...) não apenas de que eles mesmos realmente ‘estiveram lá’, mas ainda (como também fazem, se bem que de modo menos óbvio) de que, se houvéssemos estado lá, teríamos visto o que viram, sentido o que sentiram e concluído o que concluíram. (Ibid., p. 29).

É o que leva o autor a fazer uma leitura diversa daquela de Ginzburg a respeito da resolução de Malinowski para com sua “confusão” com os dados colhidos em campo – mais adiante, no capítulo 3, tratarei da leitura de Ginzburg (2004). Ao invés de supor alguma inspiração literária buscada, ou/e encontrada, mesmo que acidentalmente, pelo antropólogo polonês (como propôs o historiador italiano), Geertz sugere que sua resolução etnográfica passou por um processo de auto-percepção em campo e criação de um discurso (de caráter *autoral*). No caso, trata-se da capacidade do etnógrafo de gerar um testemunho confiável, ou convincente, sobre a sua experiência enquanto “testemunha ocular” (uma variante do “eu estive lá” que distingue Malinowski; no livro de Geertz, cada um dos antropólogos estudados ganha sua própria variante da fórmula). (GEERTZ, 2009 [1988], p. 106).

Conseguir tornar-se (novamente, é bom não perder de vista, a nível textual) um “autor de uma exposição autorizada” (Ibid., p. 111) acabou sendo o grande legado de Malinowski. Mas o autor (Geertz, no caso) faz notar, no entanto, que este legado para com seus “filhos”, para não perder a irreverência despendida por Geertz no subtítulo de ensaio em questão¹⁷, passa por uma tensão entre a “Observação Participante” e a “Descrição

¹⁷ Geertz, Clifford. **Testemunha ocular: os filhos de Malinowski**. In. _____. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. 99-122 pp.

Participante” (Ibid., p. 112). A “Descrição Participante”, uma variante da “Doença do Diário” (: 121), faz pipocar o antropólogo em seu texto descritivo aqui e acolá. Uma passagem exemplar escrita por Malinowski, que coloca o etnógrafo no centro das atenções do leitor, além de corroborar por completo a tese exposta na epigrafe desta sessão:

É difícil descrever as sensações de suspense e extremo interesse que o etnógrafo experimenta ao entrar pela primeira vez no distrito que em breve será o campo de sua pesquisa.(MALINOWSKI, 1978 [1922], p. 50).¹⁸

*

Em paralelo a esta passagem *d’Os Argonautas do Pacífico Sul*, vale a pena anotar o seguinte. Em *Nos Mares do Sul*,

¹⁸ Além da menção literal ao “suspense” que existe no campo recém encontrado e por desbravar, é curioso – e talvez rendesse alguma leitura de caráter litero-geertziano com interesse voltado para questões policiais (do ponto de vista literário) – como Malinowski dá certo literalidade, ou penumbra de *thriller* a certas passagens d’*Argonautas*. Em outra passagem comenta, “Prevendo a existência de muitos mistérios etnográficos, oculto sob o aspecto trivial de tudo que vê, o etnógrafo fica à espreita de fatos sociológicos relevantes.” (MALINOWSKI, 1978 [1922], p. 50). A passagem é coerente com a posição teórica e etnográfica do autor frente ao campo – existem fatos que o antropólogo deve desvelar a partir de qualificação científica para tal -, no entanto, os “mistérios etnográficos ocultos” ficam a cargo do *autor*. O que faz lembrar o que poderíamos chamar, novamente seguindo uma distinção irreverente de Geertz, de um filho perdido de Malinowski. Pois Umberto Eco escreveu, algumas décadas depois: “Toda obra científica deve ser uma espécie de *thriller* – o relato de uma busca por um Santo Graal. E acho que procedi dessa forma em todos os meus trabalhos acadêmicos posteriores [a sua tese, onde começou suas buscas].” (ECO, 201, p.: 12).

não é raro Stevenson se colocar em meio a descrições, assim como expõe algumas vezes suas opiniões na sequência do fato descrito. Para pinçar uma passagem em que Stevenson não apenas se coloca como personagem do evento narrado (a festa que ele deu a bordo do navio em que ele morava), mas ainda lança mão de um desfecho cheio de suspense, vai a citação abaixo.

Mas quando dei uma festa a bordo do Casco, mais de sete pessoas, ou quase sete vezes sete, apareceram, como convidados. Quando apareceram, como foram convidadas, para onde desapareceram quando a festa terminou, não faço a menor ideia. Considerando as lendas dos Mares do Sul, e aquele péssimo convívio social que faz os homens evitarem as praias internas de um atol, cerca de quarenta das pessoas que comeram conosco podem ter vindo – especialmente para aquela ocasião – do reino dos mortos. (STEVENSON, 2001, p. 113).

O suspense contido na frase derradeira do parágrafo escrito por Stevenson, em que revela que os convidados que lhes fizeram companhia durante a noite, no Casco, bem “podem ter vindo – especialmente para aquela ocasião – do reino dos mortos” certamente tem o seu efeito no leitor dos relatos sobre experiências com grupos exóticos da época, assim como carrega certo efeito literário intrínseco ao tema tratado (os contos de terror, ou as histórias extraordinárias de Edgar Allan Poe, por exemplo, não se passavam necessariamente num arquipélago distante para que contivesse sua dose de suspense). Mas é importante fazer notar que o autor dos contos *A praia da Falesá* e

o *A ilha das vozes* (ambos os contos de Stevenson que serão tratados no capítulo 3) – contos em que o enredo é pensado e os personagens vivem e agem de acordo com o contexto cultural dos arquipélagos dos Mares do Sul – cria com essa colocação certa relativização que deixa em suspenso o fato de os convidados – no contexto dado, em que são consideradas as “lendas dos Mares do Sul”, nas palavras de Stevenson – pertencerem ou não ao reino dos mortos.

No mais, ao longo do texto, é comum o autor variar como um pêndulo nesta dupla intenção: demonstrar uma sensibilidade de cunho antropológico, expressa numa escrita quase que “de dentro” (do ponto de vista cultural) do contexto descrito (muito mais evidente nos contos escritos e ambientados nas ilhas em questão); e usar seu próprio espanto e empolgação com temas próprios das ilhas e fazê-los trabalhar em favor de sua literatura.

2.5: UMA CERTA LEITURA

No domínio popular, figuras de proa, tais como Malinowski, Mead e Marcel Griaule, transmitiram uma visão da etnografia como cientificamente rigorosa ao mesmo tempo que heroica [...] Isto lhe conferia, no campo, uma vantagem sobre os amadores. – James Clifford, 2011 [1994], p. 27.

Num emblemático artigo sobre a autoria antropológica, James Clifford elenca seis características constatáveis na relação

autor-texto (= etnógrafo-etnografia) presente nas monografias de certo período no século XX. Estes trabalhos seriam fruto de certa concepção acerca da antropologia moderna inaugurada com Malinowski. De fato, a fricção entre as escolas antropológicas – para usar uma distinção feita por Roberto Cardoso de Oliveira – teve como substrato uma porção de etnografias dos mais diversos estilos. Por não ser aqui o lugar e não ser este o autor para realizar uma ampla – e impossível – análise crítica geral do que foi produzido desde Malinowski, o artigo de Clifford e estas seis distinções podem ser muito instrutivas como um tipo de contraste literário – no caso, de cor etnográfica – para fazer saltar aos olhos alguns aspectos do relato de Stevenson.

Os seis aspectos são, grosso modo, 1) o que o autor chama de a “persona” do antropólogo; misto de certa popularidade que criava uma imagem de senso comum sobre alguns aspectos fundamentais da personalidade científica daquele autor. Desta personalidade científica, derivava 2) a capacidade de lidar com a língua nativa, estranha, como poucos e de maneira a torná-la artificio na pesquisa. Como cientista treinado para tanto, 3) o etnógrafo em campo deveria prescindir da interpretação da cultura nativa em detrimento de sua própria leitura dos dados por si levantados. Com os dados e a partir deles 4) o etnógrafo é capaz de fazer grandes abstrações teóricas. Estas abstrações, no entanto, 5) partem de uma parte do todo estudado, como instituições específicas (tomemos o *Kula* como exemplo...). Por fim, 6) a escrita evocava uma representação sincrônica dos fatos

apresentados, criando o que convencionou chamar de “presente etnográfico”. (CLIFFORD, 2011 [1994], p. 28-29).

2.5.1: A *persona* do autor *em campo*

O fato de Stevenson ter viajado por e ido viver, por fim, nas ilhas do Pacífico Sul, era algo conhecido em sua época. *Nos Mares do Sul* foi publicado postumamente, é certo, mas seu autor continuou colaborando com jornais, publicando contos e se correspondendo com amigos escritores, familiares e seu editor e amigo, E. Colvin, enquanto esteve lá. E, aparentemente, escrever sobre os Mares do Sul era algo que chegava a distinguir um *tipo* de escritor, conforme o próprio Stevenson reconheceu:

Existem somente dois escritores que abordaram os Mares do Sul com alguma genialidade, ambos são americanos: Melville e Charles Warren Stoddard. (STEVENSON, 2001, p. 33).

Neste caso específico, é bom fazer notar que o comentário de RLS possui um interesse de ordem biográfica, pois foi Stoddard quem lhe plantou a semente do Pacífico quando ambos se conheceram nos EUA, em San Francisco, por volta de 1879-1880; além de lhe recomendar os livros de sua própria autoria sobre a região, também lhe indicou os de Herman Melville. (Rankin, 2010: 227-28-29). Oscar Wilde, escritor inglês de biografia marcadamente trágica e modos extravagantes,

sublinhou acidamente sobre a carreira do autor de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*:

Os casamentos românticos são os piores para um escritor romântico. Em Gower Street Stevenson poderia ter escrito um novo *Os três mosqueteiros*. Em Samoa escreveu cartas ao *Times* sobre os alemães. (WILDE apud RANKIN, 2010, p. 324).

Desta feita, o engajamento do autor para com os temas abordados em seus escritos – fossem cartas, relatos, contos, ou novelas – foi aumentando conforme a sua vivência nas ilhas e entre seus habitantes. Tal engajamento foi notado pelo escritor e tradutor dos livros de Stevenson para o francês, Marcel Schwob, que anotou que a obra deste foi tomada por certo tipo de “realismo” em sua fase final; não o “realismo da técnica literária”, mas “o interesse realista pelo mundo exterior combinado com uma aguda observação política.” (SCHWOB apud RANKIN, 2010, p. 324). E, claro, pelo “longo panfleto”, como o chamou seu autor, de alto teor político, *A footnote to History*.

2.5.2: Questão de linguagem

Como vai escrito no capítulo 3, o conto *O demônio na garrafa* (*The Bottle Imp*), foi escrito e prontamente traduzido para o samoano. Na tradução, que levou o título *O Le Fanga Aitu*,

Stevenson teve colaboração de um missionário chamado Arthur Claxon. Esta preocupação do autor demonstra seu engajamento, a nível literário, com a cultura local – não bastava apenas a ambientação do conto no arquipélago local se não houvesse acessibilidade linguística para o público da região. Mas não foram apenas essas as preocupações manifestas do autor para com a língua local.

Nas primeiras páginas de *Nos Mares do Sul*, Stevenson apresenta uma grande preocupação com a língua polinésia, como ele chama, e chega a compor um quadro sinótico. O quadro busca comparar duas palavras recorrentes nas ilhas, “Casa” e “Amor”.

Eis aqui um gráfico de duas palavras muito correntes em polinésio.

	Casa	Amor
Taitiano	<i>Far</i>	<i>Aroha</i>
Neozelandês		<i>Whare</i>
Samoano	<i>Fale</i>	<i>Talofa</i>
Manihiki	<i>Fale</i>	<i>Aloha</i>
Havaiano	<i>Hale</i>	<i>Aloha</i>
Marquesano	<i>Ha'e</i>	<i>Kaoha</i>

(STEVENSON, 2001, p. 24).

E não para por aí. Seguido do quadro o autor esboça uma ligeira e apressada teoria evolucionista da linguagem ao comparar – ao longo do relato essa comparação assume em diferentes casos

distintas funções – a língua falada nas ilhas com a língua falada na Escócia, seu país natal. Ele compara a “elisão das consoantes mediais” e a “supressão representada na escrita através de um apóstrofo, e quase sempre a lápide de uma consoante falecida” com o que se “ouvira” na Escócia de então. Segundo sua interpretação

Quando um escocês pronuncia water, better ou bottle – wa'er, be'er, ou bo'le – o som é exatamente o mesmo que encontramos na Polinésia; penso que podemos ir ainda mais longe e afirmar que se essa população pudesse ser isolada, e essa pronúncia defeituosa se tornasse a regra, poderia resultar daí um primeiro estágio de transição do t ao k. que é o vício dos idiomas polinésios. (Ibid., p. 24).

2.5.2.: o poder da observação, a força da interlocução e o presente etnográfico

A partir de Malinowski o antropólogo se torna o pesquisador, capaz – através de treinamento e formação específicos – de registrar e explicar o “conjunto de comportamentos, cerimônias e gestos específicos” do grupo estudado. E, a partir do advento do pesquisador licenciado, ou metodologicamente privilegiado, a “interpretação (interessada) das autoridades nativas” (CLIFFORD, 2011 [1994], p. 28) são preteridas.

Stevenson, como vai dito acima, escreveu sobre suas experiências nos Mares do Sul num tempo em que já havia

registro de outras experiências nos Mares do Sul feitos por outros escritores. No entanto, a questão metodológica em antropologia tal como posta por Malinowski, ainda levaria algumas décadas para ser formulada – na introdução do seu *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado em 1922. De todo modo, e do ponto de vista da *autoridade etnográfica* – outras tantas décadas demorariam ainda a passar até que essa “autoridade” fosse exposta e problematizada – Stevenson, antecipando-se um tanto, escreveu sobre as suas preferências ao levantar informações (para não dizer dados) acerca dos grupos com quem travou contato:

Os leitores de relatos de viagens talvez venham a questionar minha autoridade, e a declarar-se bem informados. Prefiro a declaração de um nativo inteligente como Stanislaio (mesmo que fosse a única, o que está muito longe da verdade) do que um relato feito pelo mais honesto viajante. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 42).

Este trecho de *Nos Mares do Sul* acaba apontando para um aspecto criticável pela antropologia moderna malinowskiana, a dizer, do “informante privilegiado”; que deverá ser deixado de lado para que o etnógrafo faça suas próprias especulações com base em sua observação (CLIFFORD, 2011 [1994], p. 29).

A passagem deixa mais ou menos claro que Stanislaio não é única interlocução do autor. De fato, ao longo do relato, e conforme a ilha em que se encontra, o autor acaba travando diálogo com diferentes figuras. A certa altura, ao abrir um capítulo intitulado *Histórias da tumba*, Stevenson problematiza

sua relação com um tuamotuano com quem conversava a respeito de sua “superstição” (é o termo que ele usa).

(...) é quase impossível enxergar a extensão e o poder de suas superstições (...) Com ideias tão diferentes, um precisa ser indulgente com o outro; sinceramente prefiro ser eu indulgente com suas superstições do que ele com minha incredulidade. De uma coisa, além disso, posso ter certeza: por mais condescendente que eu seja, nunca chegarei a ouvir tudo (...) e o conhecimento sobre o assunto é infinito. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 128).

Entretanto, o formato que levou o escritor escocês ao seu nome samoano não foi o da escrita, mas o da oralidade. Como, ao longo de suas andanças e permanências pelas ilhas, contou diversas histórias pra ouvir outras tantas (de certa forma, usava suas histórias como um tipo de moeda de troca), não tardou para ser rebatizado com um nome que fosse mais... Conveniente. É possível inferir que sua relação, em geral amistosa, com nativos das ilhas, passava por um tipo de busca por “semelhanças” – constantemente contava histórias da Escócia a fim de estimular seus interlocutores a lhe contarem suas próprias histórias – que, por fim, o levou a este “meio de comunicação (...) que correspondia a sua própria profissão: contar histórias” (RANKIN, 2010, p. 327).

Mas não foi apenas isso. Em *Nos Mares do Sul* o autor deixa claro que por trás de sua contação de histórias havia um princípio (proto) metodológico:

Quando eu desejava inteirar-me a respeito de um detalhe qualquer relativo aos costumes dos selvagens, ou alguma de suas superstições, vasculhava a memória em busca de um fato da história de meus antepassados (...). É esse sentimento de afinidade que o viajante deve suscitar e compartilhar (...).” (RANKIN, 2010, p. 24-25).

Nos Mares do Sul foi um relato escrito em um período curto, no fim dos anos 1880 (1888-1889), não compreende todo o tempo que passou entre sua partida de San Francisco, nos EUA, com a família, e sua estadia, até o fim de sua vida, em Vailima, Samoa. Tendo em vista a quantidade de temas tratados pelo autor – o canibalismo, as “crenças” nativas, a relação destes com os missionários, etc. –, ou “as pequenas dissertações”, uma característica muito cara ao modelo malinowskiano, tal como proposta por Clifford, bem lhe caberia:

(...) os todos assim representados tendiam a ser sincrônicos, produtos de uma atividade de pesquisa de curta duração. O pesquisador de campo, operando de modo intensivo, poderia, de forma plausível, traçar o perfil do que se convencionou chamar ‘presente etnográfico’ – o ciclo de um ano, uma série de rituais, padrões de comportamento típico. (CLIFFORD, 2011, p. 29).

CAPÍTULO 3: SOBRE DEMÔNIOS E VOZES

Este capítulo deverá apresentar dois contos de Stevenson escritos no período em que o autor esteve no Pacífico Sul. Ambos foram escritos nos anos 1890. Apresentar os capítulos e abordar algumas questões de interesse antropológico ali presente. Para tanto, aproximações com passagens de *Nos Mares do Sul* – quase como um tipo de subsídio experiencial de ordem etnográfica por trás da criação ficcional – são feitas, assim como é apresentada uma interessante e ousada aproximação de Stevenson com Malinowski feita por Carlo Ginzburg; mais especificamente, do conto *O demônio na Garrafa* e a monografia clássica *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. E ainda uma relação entre a figura do demônio e a circulação de objetos a partir de uma leitura etnográfica mais recente (recente dos anos 1980...).

3.1: DUAS ESTÓRIAS

Para tratar dos dois contos selecionados, um resumo dos respectivos enredos. Em seguida, nas sessões subsequentes, são feitas relações entre estes contos e o relato tratado no capítulo anterior e são lançadas algumas leituras possíveis.

3.1.2: A Ilha das Vozes (The Isla of Voices) – 1893

A história contada por Stevenson se passa no arquipélago do Havaí, e conta a história do bravo e ambicioso, Keola, que desafiou o grande feiticeiro de sua ilha, Kalamake, pai de sua esposa, Lehua.

A inquietação de Keola com respeito aos poderes do sogro tem início com a fama deste de sempre possuir dólares novos em folha. Incomodado com isso, Keola pressiona Kalamake a contar seu segredo. No que o sogro acaba por lhe mostrar seu feitiço, transportando-os para uma praia em uma ilha distante. O sogro conta ao marido da filha que no tempo em que a fogueira é alimentada por folhas das árvores da praia da ilha (desconhecida por Keola), e enquanto queimar, ambos devem coletar conchas que, por fim, irão acabar se transformando nos valiosos dólares assim que retornarem à ilha. Não dado por satisfeito, e ainda mais incomodado pela forma fácil como eram adquiridos os dólares, depois de voltar à ilha Keola pressiona o sogro por mais. Irado, o vingativo Kalamake leva o genro para um passeio de barco e o deixa para morrer no mar, distante da praia. No entanto, devido a uma série de bem aventuranças, Keola se salva e vai parar na ilha que dá título ao conto, a Ilha das Vozes. Lá é acolhido pelos nativos e sem perspectiva de voltar à vida anterior, casa-se novamente. No entanto, ao descobrir que uma das praias da ilha era habitada por vozes e que estas vozes eram as vozes de feiticeiros em busca

de dólares novos em folha, cai em desespero. Na vã tentativa de se livrar do risco de reencontrar o antigo sogro, Keola incute nos nativos a ideia de queimar as árvores que circundam a praia – pois sabia que das folhas destas árvores se alimentavam as chamas das fogueiras dos feiticeiros. O desespero aumenta e o leva às raias da loucura quando descobre – sua nova esposa lhe conta na esperança de salvar sua vida – que os nativos que o haviam acolhido tão bem na verdade eram canibais e que planejavam come-lo em breve. Cansado das desventuras em série, Keola resolve enfrentar seu destino e vai parar na praia em que habitavam as vozes.

Neste momento, percebe que as vozes estavam se deslocando, em tom de aflição, em direção à floresta. Em seguida nota que vão se debater contra os nativos que estão a todo vapor a derrubar as árvores que detêm as folhas mágicas. Num instante surge Lehua, lhe toma pelos braços e através do feitiço do pai o leva de volta para casa. E a partir desse dia “Nunca mais se ouviu falar de Kalamake, mas se foi morto na batalha junto às árvores, ou se ainda está bem vivo na Ilha das Vozes, quem poderá dizê-lo?” (Stevenson, 1988, [1893]: 34).

3.1.2: O demônio na Garrafa (The Bottle Imp) – 1893

Esta história também se passa no arquipélago do Havaí. Um dos protagonistas da história, Keawe, descobre uma garrafa de grandes poderes em uma de suas andanças. A garrafa é capaz

de atender a qualquer pedido daquele que a detém. De pronto, a garrafa lhe é oferecida – o detentor é um velho moribundo, que possui um casarão extravagante que provoca a inveja de Keawe – em troca de qualquer valor abaixo de oitenta dólares. E, no entanto, a verdade é que não é a garrafa que atende os desejos de seu dono, mas o demônio que vive lá dentro. E ainda mais: aquele que morrer em sua posse irá parar no inferno. E, por fim, só é possível passa-la adiante com um valor – qualquer valor – menor do que o que foi pago na última transação. Keawe toma a garrafa para si.

Lá pelas tantas, depois de ter seus pedidos atendidos, Keawe passa a garrafa adiante – para um companheiro seu– e segue a vida, feliz. Enamora-se por Kokua, num passeio seu a cavalo, com quem se casará. Mas entre conhecer a moça e pedir sua mão, acaba por descobrir que tem lepra. A doença significaria o seu exílio; mas ele não se dobra e vai atrás da garrafa, com o fim de apelar ao demônio. Acaba percorrendo um grande circuito pelas ilhas do arquipélago – seu companheiro já passara a garrafa adiante há tempos – até encontra-la na posse de um branco. E para sua desgraça, o valor da garrafa diminui sobremaneira, vale então dois centavos. Como tudo é um gesto de amor do herói (“fui capaz de desafiar o demônio para conseguir uma casa, e não o enfrentaria agora por Kokua?” [Stevenson, 2004 [1893]: 418], foi seu pensamento antes de partir atrás da garrafa), ele compra a garrafa e se cura da lepra. Em seguida casa-se com Kokua e ambos vão viver em sua mansão.

Mas Keawe fica deprimido e sua esposa, conseqüentemente, adocece junto e, pior, pensa ser a culpada pela tristeza do marido. Vendo-se encurralado, Keawe acaba lhe contando toda história da garrafa. É aí que Kokua lança a ideia de percorrerem as ilhas de colonização inglesa (em que há uma moeda, o farthing, que vale meio centavo de dólar) e francesa (onde são necessários cinco cêntimos para formar um dólar) em busca de novos compradores interessados. (: 422). Tal busca encontra suas dificuldades, mas Kokua acaba encontrando uma saída. Através de um intermediário compra a garrafa – tendo que comprar novamente do intermediário – salvando a alma do marido e colocando a sua própria em jogo. Keawe descobre e, por fim, decide lhe aplicar o mesmo golpe. E, por um golpe de sorte, o intermediário por ele escolhido resolve ficar com a garrafa. Exasperado, Keawe lembra ao que deverá ser o último comprador da garrafa o seu destino quando morrer em posse do objeto diabólico. No que o outro responde: “‘Vou de qualquer jeito’ [para o inferno] (...) ‘e esta garrafa será minha melhor companhia, amigo!’.”

3.2: A ILHA DAS VOZES, ALGUNS COMENTÁRIOS E RELAÇÕES

Este é um conto exemplar para demonstrar algumas questões prementes no relato *Nos Mares do Sul*. Por isso, inclusive, o relato é retomado abaixo, para comparações. O

canibalismo é um exemplo, assim como a religião e atrito com as crenças locais. Mas o interesse maior é o fato de a perspectiva dos seus personagens principais serem dos habitantes da região com seus hábitos e modo de viver próprios. Assim, os tópicos que exasperaram o autor do relato de viagens são retomados no texto, mas realocados na maneira como vão explorados e expostos. O objetivo do que segue é atentar para este outro modo pretensamente nativo adotado pelo autor dos contos.

3.2.1.: Canibalismos literal e literário.

Uma preocupação que permeou a obra do autor neste período itinerante e final de sua vida pelos mares do sul: o *canibalismo*. Além de dedicar um capítulo inteiro ao tema no *Nos Mares do Sul*, o assunto é, vez por outra, tangenciado em outros contos da época. No *A Praia de Falesá* (1894), por exemplo, a questão é tratada pelas personagens em duas passagens.

(...) eu era um daqueles que mais se opunham a qualquer tolice com mulheres nativas, tendo em vista tantos brancos serem devorados pela parentela das esposas e, ainda por cima, serem feitos de tolos (...). (STEVENSON, 2007 [1894], p. 368).

Pouco tempo depois, o negro foi expulso da ilha por roubar de brancos e tomou o rumo oeste, onde encontrou homens de sua cor, coisa de que talvez tenha gostado, e os homens de sua cor o devoraram em algum tipo de *corrobore*, e espero que o negro lhes tenha agradado! (Ibid., p. 423).

O trecho a seguir é um bom exemplo de como essa preocupação do autor acabou por se tornar também a preocupação – e o apuro efetivo – de uma de suas personagens:

Tinha ouvido histórias de comedores de homens que habitavam a ilha do Sul e aqueles relatos tinham-nos sempre arrepiado; (...) Tinha ouvido falar, além disso, da boca de viajantes, sobre tais práticas, e de como, como planeiam comer um homem o tratam muito bem e o mimam como uma mãe com seu filho favorito. (STEVENSON, 1988 [1893], p. 29).

Nos Mares do Sul, o relato de viagem que Stevenson escreveu em certo período em que esteve no sul do Pacífico, tratado no capítulo anterior, como foi escrito acima, também têm lá suas passagens em que a inquietação do autor com o canibalismo se faz presente. Na passagem a seguir, por exemplo, o autor chega a conjecturar sobre certo canibalismo espiritual, um que seguisse com as práticas iniciadas em vida:

Entre os polinésios canibais geralmente paira uma suspeita pavorosa em relação aos mortos; e é muito pouco provável que os marquesanos, os maiores canibais de todos, estejam livres de crenças semelhantes. Arrisco a hipótese de que *Vehinehae* sejam os espíritos famintos dos mortos, ocupados em continuar as emboscadas canibalescas que realizavam em vida; e elas estão em toda parte, invisíveis e ávidas de devorar os vivos. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 37)

Além desta passagem carregada com alguma originalidade em sua interpretação (proto) antropológica, outra passagem deste livro chama atenção por conter um relativismo (moral) com um efeito visual muito preciso¹⁹:

Não há nada que nos provoque tanta repugnância quanto o canibalismo, nada corrói de modo tão infalível uma sociedade; nada, poderíamos razoavelmente argumentar, enrijece e degrada tanto a mentalidade daqueles que o praticam. No entanto, nós mesmos causamos muito dessa impressão aos olhos do budista e do vegetariano. Consumimos as carcaças de criaturas cujos desejos, paixões e órgãos são semelhantes aos nossos; alimentamo-nos de bebês, embora não dos nossos; e diariamente no matadouro ressoam gritos de dor e pavor. (STEVENSON, 2001, p. 70).

3.2.2: religião e política

A relação da cultura local com a cultura do branco, no caso, enquanto colonizador, também é um tema. Quando Keola, em *A Ilha das Vozes*, adentra o escritório do feiticeiro Kalamake atrás dos seus segredos, Stevenson compõe uma imagem precisa:

¹⁹ Conforme a leitura que faz Arigucci Jr. da obra de Stevenson: “auxiliando para isso a extrema habilidade do narrador oral, o tusitala [sic], sempre atento à reação de seus ouvintes e capaz de ampliar a eficácia dos quadros ilustrativos na fixação de traços e gestos de seus personagens, dois incidentes decisivos, das circunstâncias de longo alcance, da atmosfera envolvente a que a narração dá movimento.” (2011, p. 22).

Pois parece que ele [Keola] tinha observado o lugar onde Kalamake guardava o tesouro, o qual consistia numa escrivaninha trancada a cadeado, encostada à parede na salinha, sob o retrato de Kamehameha, o quinto, e uma fotografia da rainha Vitória (...). (STEVENSON, 1988 [1893], p. 12).

E, ainda sobre a relação entre aristocracia local e a aristocracia britânica, na seguinte passagem, o autor passa a uma complexa imagem em que relaciona a religião proveniente do colonizador com as práticas religiosas locais, ao descrever os preparativos para o feitiço que levaria Kalamake e Keola à Ilha das Vozes.

Havia uma prateleira ao lado da mesa e no centro desta um volume da Bíblia, e a escrivaninha trancada a cadeado, encostada à parede; portanto qualquer um podia ver que se tratava da casa de um homem de posse. (...) Dizendo isto colocou a Bíblia debaixo da almofada do sofá de modo a ficar totalmente coberta, tirou do mesmo sítio um tapete de uma belíssima e fina textura e deitou as ervas e folhas num montinho, sobre a areia de uma vasilha de latão. E a seguir, ele [Kalamake] e Keola puseram os colares e tomaram seus lugares nas extremidades opostas do tapete. (Ibid., p. 13).

A mesma relação entre as práticas e crenças locais e a religião alienígena do colonizador é tratada nas páginas de *Nos Mares do Sul*; e de forma ainda mais provocativa. Este “modo de reelaborar o cristianismo” (Calavia Sáez, 2001: 16) local, que

Stevenson sagazmente descreveu, é expresso assim no capítulo dedicado ao arquipélago das Tuamotu:

O arquipélago está dividido entre religiões principais, a católica e a mórmon. Elas confrontam-se, orgulhosas, com um falso ar de permanência; no entanto, são meras caricaturas, seus membros em perpétuo fluxo. O mórmon assiste à missa com devoção, o católico ouve atento o sermão mórmon; no dia seguinte cada um pode ter trocado de credo. (STEVENSON, 2001, p. 120).

E segue:

E aí, portanto, uma coisa bastante singular: uma seita nova em folha, surgida da aclamação popular (...). (Ibid., p. 121).

Um pouco adiante no texto, Stevenson lança mão de artifício semelhante, a dizer, de certo exercício relativista (como no caso do comentário expresso acima, sobre o canibalismo), mas sobre outro tema:

A arte marquesana da tatuagem era única, a execução primorosa, os desenhos eram os mais belos e intrincados; nada realça de forma tão bonita a beleza de um homem; pode ser um pouco doloroso de início, mas duvido que a dor continue tão intensa durante o resto da execução, e tenho certeza de que é muito mais elegante do que a ignóbil prática europeia de apertar as mulheres com espartilhos. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 72).

3.2.3: relativismo proto-etnográfico e etnocentrismo ficcional

E, por fim, de maneira a indicar a relação dos missionários com os modos de vida local, RLS conclui o conto com as personagens Keola e Lehua contando seus temores com relação ao desfecho incerto do feiticeiro Kalamake e, em troca, recebem do missionário seu ceticismo.

(...) [O missionário] avisou a polícia de Honolulu de que segundo o que conseguira entender Kalamake e Keola tinham andado a forjar dinheiro falso e não seria mal vigiá-los (STEVENSON, 1988, p. 34).

E essa passagem é reflexo de certo exercício de relativização que o autor faz, entre a crença dos nativos em relação com a crença dos brancos que ali vivem, também presente em seu relato.

O belo planeta Vênus desempenha um papel importante em todos os costumes e todas as lendas das ilhas; entre outras funções, algumas mais terríveis, ele regula a estação da boa pesca. Com Vênus em determinada fase, como aquela em que se encontrava, certos peixes da laguna eram venenosos; com Vênus em outra fase, o mesmo peixe era inofensivo e um item precioso da alimentação. Os brancos explicam essas mudanças pelas fases do coral. (STEVENSON, 2001 [1896], p. 111).

Além desta passagem, esse exercício relativista do autor é expresso ainda em outras duas passagens, em que coloca

práticas locais e práticas próprias da sociedade de onde provém, lado a lado.

3.3: O Demônio na garrafa, alguns comentários e relações.

Stevenson depois contou a Conan Doyle que os nativos que haviam lido a história, quando iam lhe visitar em Vailima, o perguntavam: ‘Onde está a garrafa?’ – Nicholas Rankin, 2010 [1987], p. 367.

3.3.1: tornar-se branco

O nome de uma das personagens centrais, Keawe, na verdade, é um pseudônimo. O autor deixa claro que como o personagem ainda está vivo no momento em que escreve o seu relato, precisa tê-lo mantido em segredo (Stevenson, 2004 [1893]: 406). Além disso, este nome remete a um rei muito importante na história de Kona, uma das ilhas visitadas por RLS, que possui o mesmo nome da personagem. O autor o retrata através de uma anedota macabra em NMS (Stevenson, 2001 [1896]: 152).

Sobre a relação dos nativos das ilhas nas quais o conto se passa com os brancos. Como as personagens principais do conto são ambas havaianas e a história é toda contada a partir da perspectiva destas, o aparecimento do branco é, para o narrador, estranha; e assim é descrita.

Então o *Hall* [uma embarcação] apareceu, e o bote levou-o a bordo. A popa do navio estava tomada de Haoles – brancos – que tinham ido visitar o vulcão, como era hábito de seu povo (...).

Logo caiu a noite, as cabines se iluminaram, os Haoles sossegaram e foram jogar cartas e beber uísque como sempre (...). (STEVENSON, 2004, p. 418).

Em *Nos Mares do Sul* a perspectiva adotada é a do homem branco (a própria do autor, portanto). E nesses termos, comparando um texto com o outro, é interessante notar como a impossibilidade antropológica por excelência, *tornar-se nativo*, pode de alguma forma ser contornada: basta ser um tipo de *antropólogo honorário* – como aqueles sobre os quais comenta Calavia Sáez²⁰ –, isto é, autor de ficções (é bom fazer notar que a ficção ofereceu, mais tarde, outra saída para o problema: largar a profissão e tornar-se bibliotecário²¹).

3.3.2: Conrad-Malinowski...-Stevenson.

Joseph Conrad, sete anos mais novo que Stevenson, leu sua obra. Tanto que ficou contente em ser colocado ao lado deste pelo amigo e editor da obra do autor escocês, Sidney Colvin – em seu livro *Memories and Notes of Persons and Places* (1921) (RANKIN, 2010, p. 263). Essa é uma informação de ordem

²⁰ “Outros fabulistas tem descrito competentemente outros mundos possíveis. A lista é interminável (...) etnógrafos honorários muito diversos mas que sempre nos sugerem que o humano efetivo é um subconjunto do humano imaginável.” (CALAVIA SÁEZ, 2006, p. 6).

²¹ Conforme o desfecho do conto de Borges, *El etnógrafo*.

literobiográfica interessante, mas que não tem lá muito espaço no quadro geral de leitura e conjecturas deste ensaio – conjecturar uma ponte Stevenson-Conrad-Malinowski está para além dos humildes intentos aqui presentes. E Conrad foi lido por Malinowski, e ambos chegaram a nutrir uma admiração mútua. O antropólogo polonês chegou mesmo a enviar uma cópia de um livro seu para o escritor (CLIFFORD, 2011, p. 99-100). Como foi comentado acima, a relação entre os dois autores já foi traçada, e tal leitura foi guiada no sentido de expor os aspectos linguísticos e culturais que distinguiam estes dois enquanto autores – em três vias: “uma língua materna, uma língua do excesso e uma língua da restrição (do casamento e da autoria).” (Ibid., 2011, p. 104).

E, no entanto, uma nova leitura da obra de Malinowski lança luz sobre possíveis relações deste com outro escritor de ficção. Desta vez, do ponto de vista factual, de ordem epistolar, e partindo (ou chegando em) de certa conjectura teórico-narrativa. Esta leitura foi feita por Carlo Ginzburg, em seu ensaio, *Tusitala e o seu leitor polonês* (2004 [2000]).

Ginzburg traça um raciocínio que envolve – pelo menos – cinco textos destes dois autores. De Malinowski ele utiliza os diários publicados postumamente pela viúva do antropólogo (*Diário num sentido estrito do termo*), Elsie Masson, e também a correspondência entre marido e esposa. Além destes, a etnografia paradigmática de 1922, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. De Stevenson o autor lança mão de uma leitura de sua correspondência do período em que residiu em Samoa com sua

família (*Cartas de Vailima*) e do conto – central no argumento de Ginzburg –, *O demônio na garrafa*, de 1893.

O conto de Stevenson, no original, *The bottle imp*, foi escrito em 1891 e publicado no *New York Herald Tribune*. No ano seguinte o conto foi traduzido para o samoano. E para a tradução Stevenson necessitou da colaboração do missionário, Arthur Claxton – o título, em samoano, ficou: *O Le Fanga Aitu*. (RANKIN, 2010, p. 367), como foi comentado no capítulo anterior.

3.3.3: Bruxaria havaiana e drama alemão.

O conto foi escrito tendo como pano de fundo as ilhas em que Stevenson passou a viver desde que zarpara de San Francisco, na escuna *Casco*; seus protagonistas são nativos destas ilhas e o autor parece o ter concebido já imaginando sua tradução para o público leitor local. Assim como o outro conto tratado neste capítulo, *O demônio na garrafa* trata de elementos mágicos que interferem diretamente na vida de seus protagonistas. Não é de se estranhar, portanto, que uma leitura antropológica possível, o descreve assim:

É um argumento redondo, que descreve bem uma característica dos poderes mágicos, a saber, o perigo em que colocam os seus detentores, a condição irreversível do bruxo. A seu modo, *O demônio na garrafa* é um

teorema sobre bruxaria. (CALAVIA SÁEZ, 2011, p. 30).

No entanto, a leitura acurada do historiador italiano aponta para algo menos exótico ou culturalmente particular; na contramão, encontra um aspecto presente no texto “difundido e transcultural”, que diz respeito, justamente, ao motivo literário do conto: “o auxiliar mágico, analisado na *Morfologia do conto maravilhoso* de Propp.” (GINZBURG, 2004, p. 95). O conto de Stevenson, de fato, como uma nota acrescentada após a publicação esclarece, é baseado numa peça “outrora popular pelas mãos do temível O. Smith”, apenas reestruturada num contexto polinésio. (: 93); o que leva Ginzburg a uma desconstrução literária do conto mais aguda, remontando suas influências, em parte, no folclore germânico do século XVII e, em parte, no melodrama inglês do século XIX, especificamente a peça homônima, *The Bottle imp – a melo-dramatic romance in two acts*, de R. B. Peack (encenada pelo tal O. Smith, que se chamava Richard J. Smith, quem interpretou o diabrete na peça de Peack). (Ibid., p. 95).

3.3.4: o demônio escocês por trás do kula polonês

Das cartas trocadas entre Malinowski e sua esposa, E. Masson, Ginzburg extrai a informação valiosa de que o polonês leu as cartas de Stevenson quando estava em campo, nas Trobriand, durante a década de 1910. Especificamente as *Cartas*

de Vailima (Letters from Vailima), compêndio de cartas escritas e recebidas por Stevenson durante o período em que viveu em Samoa, em Vailima – região, aliás, que foi batizada pelo próprio. Para que passasse melhor o tempo nas Trobriand, a esposa de Malinowski enviou para o marido as cartas que haviam recém sido publicadas. Em suas cartas comentando a leitura, o antropólogo conta se identificar com o escritor escocês especialmente em relação à sua preocupação com a saúde e sua atitude frente às experiências que estava vivendo em Vailima, assim como sua atitude para com a alteridade presente nos contextos pelos quais passou, e sobre os quais escreveu em seus últimos anos de vida, no Pacífico – conforme passagem citada acima, no capítulo 1.

No entanto, segue em frente, em direção a uma hipótese mais contundente – mas de caráter mais conjectural também.

Conforme Malinowski relatava em suas cartas endereçadas à sua esposa, seu entendimento do *Kula* não lhe satisfazia em absoluto e eram grandes as chances de que retornasse de seu (longo) período em campo sem tê-lo ainda sistematizado num texto científico (sua etnografia, no caso). (GINZBURG, 2004, p. 104).

No que o autor se pergunta a certa altura:

De que maneira Malinowski logrou construir uma teoria capaz de inserir os dados dispersos sobre o *kula* em uma configuração dotada de significado? (Ibid., p. 106).

Se, segundo o próprio:

Em um artigo preliminar, publicado na revista *Man* de julho de 1920, Malinowski trata o *kula* como um sistema específico de trocas que cobria uma imensa área geográfica, definida por ele como o ‘circulo do *kula*’, e baseado em ‘dois tipos de objetos de grande valor mas sem uso efetivo [...] braceletes e colares feitos de discos de conchas vermelhas. Essas trocas previam uma série de rituais muito complexos. (Ibid., p. 103).

Pois *The Botthe Imp* contém, justamente:

(...) a descrição romanesca de uma troca monetária caracterizada pelo prejuízo, vinculada a imposições simbólicas precisas, que permitiam a circulação de um objeto de muito valor por uma série de ilhas dispersas em uma enorme extensão do oceano. (Ibid., p. 109).

No que a conclusão de Ginzburg pode remeter àquela reflexão contida no artigo de Clifford, onde este se indaga a respeito da possibilidade de alguém (um etnógrafo) conseguir produzir, por fim, “interpretações culturais mediante intensas experiências de pesquisa”; partindo para tanto de uma “experiência incontrolável”, experiência esta que será colocada no papel como um relato legítimo, “uma visão adequada de um ‘outro mundo’ mais ou menos diferenciado, composta por um autor individual” (CLIFFORD, 2011, p. 21):

A analogia entre essa descrição [a do conto] e a imagem complexa do *kula* formulada pelo etnógrafo, tão diversa da percepção parcial dos atores envolvidos, é evidente. O que o conto de Stevenson teria a oferecer a Malinowski era obviamente menos o conteúdo de sua descoberta que a capacidade de vê-lo como um todo, como uma *Gestalt*, graças a um salto imaginativo: a capacidade de *construí-lo*, como Malinowski escreveu mais tarde, ‘mais ou menos como o físico constrói a sua teoria a partir dos dados experimentais’. (GINZBURG, 2004, p. 109).

3.3.5: De outros pactos com o demônio

Duas características marcantes do conto de Stevenson que são sublinhadas na medida em que o relato se desenrola e a garrafa com o demônio circula, vinculadas mais especificamente a dois eventos ocorridos com o personagem principal, Kewae, são: a) a desventura seguida do desfazimento do objeto amaldiçoado; b) o fato de que quem detém a garrafa no momento de sua morte irá para o inferno.

Numa etnografia dos anos 1980, em que uma leitura marxista muito própria do autor é lançada para compreender as relações entre o capitalismo e os trabalhadores de minas e canaviais na Bolívia e na Colômbia, respectivamente, há uma figura central (para além de Marx) que paira sobre o texto: o diabo. Algumas questões que estão no centro do trabalho passam por tentar entender a relação do “diabo e o desenvolvimento capitalista”, “quais contradições da experiência social o fetiche do

espírito do mal é mediador” e se existe, por fim, “uma estrutura de conexões entre o poder de redenção do anticristo e o poder analítico do marxismo” (Taussig, 2010 [1980]: 17).

Voltando para a questão colocada pelo conto de Stevenson, e agora sob o prisma do *bautizo del billete* no Vale do Cuaca, Colômbia, descrito por Taussig, é interessante fazer notar uma relação inusitada.

De acordo com a crença no bautizo del billete (batismo do dinheiro), presente no Vale do Cuaca, o futuro padrinho (madrinha) esconde uma nota de um peso em uma das mãos durante o batismo da criança feito por um padre católico. Acredita-se que assim a nota é batizada em vez da criança. Quando essa nota, agora batizada, entra em circulação, crê-se que ela sempre retornará ao seu dono com juros, enriquecendo-o e empobrecendo a outra parte do acordo do qual participa o dono da nota. O dono é agora padrinho da nota de um peso. A criança permanecerá sem batismo, e se os pais ou qualquer outra pessoa descobrir isso, será caso de uma preocupação profunda, uma vez que será negada à alma da criança qualquer legitimidade sobrenatural, e ela não terá chance de escapar do limbo ou do purgatório dependendo de quando morrer. Tal prática é penalizada com rigor pela Igreja e pelo governo. (TAUSSIG, 2010 [1980], p. 183).

Se no conto, assim que Keawe se desfaz da moeda e se prepara para casar com sua amada, se vê acometido pela lepra, no “batismo do dinheiro” colombiano a criança acaba condenada ao inferno (ou ao purgatório). E, por outro lado, se na história de Stevenson o herói e sua esposa percorrem as ilhas em busca de

uma moeda que valha menos a fim de aumentarem as suas chances de vender a garrafa com o demônio – já que a transação só era válida se a garrafa fosse sempre comprada por um valor menor do que ele gasto por seu dono atual -, no relato de Taussig, a circulação da nota batizada, voltando para o seu dono, só faz aumentar o seu lucro. Este tipo de artimanha diabólica, assim como os *muñecos* (pequeno boneco feito de farinha e com a forma humana, usados para o aumento da produção individual) utilizados nos canaviais, amaldiçoam os envolvidos – como alerta Taussig, no “pacto proletário com o diabo, os salários aumentam; porém são estéreis e cheiram a morte” (Ibid., p. 166).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM NÓ CEGO DE PARENTESCO

O autor escocês de que falamos não é um etnógrafo nem um antropólogo, nem um percursor reconhecido de um ou de outro – Calavia Sáez, 2011: 17.

Ao fim e ao cabo, retomando a questão do artigo de Calavia Sáez mencionada na introdução deste trabalho, *como se dizer interessado na relação entre antropologia e literatura e ainda assim ignorar Stevenson?*, creio ser possível ir um pouco adiante e reformulá-la: *como é possível se dizer interessado em antropologia e ainda assim ignorar um autor como Stevenson?* Além de uma provocação mais ou menos óbvia, esta reformulação deve levar consigo algo menos provocativo e explícito. Se hoje a relação entre antropologia e literatura pode ser algo bastante fecundo, i.e., tanto na antropologia como na literatura ela é capaz de render boas leituras, retroceder na história de uma e de outra pode ser uma maneira interessante de perceber que existe um grau de parentesco ainda mais elevado do que as ementas de disciplina costumam mencionar. E isto não quer dizer, necessariamente, que os trabalhos de James G. Frazer eram “literários demais” (Strathern, 2013 [1987], p. 38), ou que Stevenson era antropológico demais – como este texto não cansou de mencionar. O mais provável é que sejam as duas coisas.

E voltando ainda mais uma vez ao início deste texto, lá escrevi que esta pesquisa se desenvolveu de maneira a trazer elementos para a questão formulada no artigo de Calavia Sáez (a questão colocada no parágrafo anterior). Espero ter mostrado com o texto que desenvolver argumentos a partir de uma questão não significa, necessariamente, concordar com a questão, mas uma tentativa de explorar suas consequências, de esticá-la até certo ponto, às vezes correndo riscos. E, claro, de discordar dela também.

Tal como faz notar Milton Hatoum, em seu artigo *Laços de parentesco: ficção e antropologia* (2004), antropologia e literatura possuem lá o seu laço de parentesco. No entanto, mais do que um parente recém-descoberto (com as “descobertas” dos anos 1980), algo assim como um primo distante, a relação é muito mais estreita e se encontra lá nos primórdios, quando a antropologia ainda não era antropologia; ou, quando a antropologia ainda não era praticada por antropólogos; ou, quando escritores de ficção praticavam uma antropologia de alta qualidade (ao menos, etnográfica) sem o saber.

Pois, tendo em vista uma relação tão premente, e o fato de autores como RLS passarem longe de disciplinas introdutórias de antropologia – e creio que certo zelo burocrático pela alcunha ou reconhecimento institucional não seja o único motivo, uma vez que este que escreve teve que ler numa disciplina de introdução o célebre *O coração das trevas* (1899), de Joseph Conrad – é de se fazer pensar os motivos que podem ter tornado

esta uma relação tão pouco explorada e mesmo pouco mencionada. O que faz com que se evite tanto adentrar esta sala, por fim, com a porta tão escancarada? Como escreveu Geertz certa vez

Mas de fato sugere algumas semelhanças de família [a relação da antropologia com a literatura] que, tal como a mula norte-africana que sempre fala do irmão da mãe, o cavalo, mas nunca do pai, o burro, tendemos a omitir em favor de outras, supostamente mais bem vistas. (GEERTZ, 2009 [1988], p. 20).

O que faz com que este, talvez, seja uma questão demasiadamente embaraçosa para se discutir na mesa do jantar e, vai lá, nos programas de disciplina (colocar o autor de *A ilha do Tesouro* lado a lado com o autor de *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia* talvez cause algum mal-estar).

E, novamente, aproveitando a interlocução geertziana, uma questão final: a prole malinowskiana que perdura (esse sim, lido e relido nos cursos de introdução), e que, de certa forma, nós também somos parte componente, ou, ao menos, o gene malinowskiano passado adiante, década após década, de etnografia para etnografia, levou consigo o temor da depressão e da doença manifestos em seus diários?

REFERÊNCIAS

Arigucci Jr., Davi. *A poesia da circunstância*. In. Stevenson, R. L. O clube do suicídio e outras histórias. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 7-46 pp.

ÁVILA, Lílian. **Literatura e Antropologia: Fronteiras e Travessias**. Monografia de Conclusão de Curso de Ciências Sociais. UFPR: Curitiba, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CALAVIA SAEZ. Oscar. En los Mares del Sur: literatura y etnografía. **Revista Occidente**, nº 359, abril de 2011. 15-31 pp.

_____. Na biblioteca: Micro-ensaios sobre literatura e antropologia. **Antropologia em Primeira Mão**, UFSC, nº 88, 2006.

_____. **A antropologia é literatura?** In. CALAVIA SAEZ, O. Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia. Ilha de Santa Catarina, 2013. 32-37 pp.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 21, julho de 1988. 133-157 pp.

CHESTERTON, G. K. **Robert Louis Stevenson**. [s/d] In. _____. Complete Works. Delphi Classics.

CIOCARRI, Marta. Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em *Os trabalhadores do mar* de Victor Hugo. **Cadernos de Campo**, nº 18, 2009. 29-46 pp.

CIVITA, Victor. **Os imortais da literatura universal**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. In. _____. A experiência etnográfica. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011 [1994]. 17-58 pp.

_____. **Sobre a automodelagem etnográfica: Conrad e Malinowski**. In. _____. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2011. 94-120 pp.

DA MATTA, Roberto. Edgar Allan Poe, o “bricoleur”: um exercício em análise simbólica. **Comentário**, agosto de 1965. 164-179 pp.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ERIKSEN, Thomas H.; NIELSEN, Finn S. **Quatro pais fundadores**. _____. História da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 2010. 49-68 pp.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009 [1988].

GINZBURG, Carlo. **Tusitala e seu leitor polonês**. In. _____. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [2000]. 91-113 pp.

_____. **Introdução**. In. _____. Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [2000]. 11-15 pp.

GOLDMAN, Marcio. **Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa**. In. _____. *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de estudo de Antropologia Política, 1999.

GOODY, Jack. **Da oralidade à escrita: reflexões antropológicas sobre o ato de narrar**. In. Moretti, Franco (org.). *A cultura do romance: o romance*, v. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 35-67 pp.

HATOUM, Milton. **Laços de Parentesco: Ficção e Antropologia**. In. Areãs Peixoto, F. et al. (org.) *Antropologias, Histórias e Experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 135-143 pp.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].

_____. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997 [1967].

OLIVEIRA, Waldir F. **Relembrando Robert Louis Stevenson nos Mares do Sul**. [2009]. Acessado em <http://jornadaonline.blogspot.com.br/2009/12/lembrando-robert-louis-stevenson-nos.html>

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações na literatura do século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANKIN, Nicholas. **Robert Louis Stevenson: de Escócia a los Mares del Sur**. Madri: Siglo XXI, 2010 [1987].

SAHLINS, Marshal. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

STEVENSON, Robert Louis. **Nos Mares do Sul**. São Paulo Iluminuras, 2001 [1896].

_____. **A ilha das vozes**. Cotovia: 1988

_____. **O Demônio na Garrafa**. In. Calvino, Ítalo (Org.). *Contos Fantásticos do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1893]. 405-431 pp

_____. **A Praia de Falesá**. In. Manguel, Alberto (org.). *Contos de Amor do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1894].

_____. **Complete Works**. Inktree.

Strathern, Marilyn. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia.** São Paulo: Terceiro Nome, 2013 [1987].

TAUSSIG, Michael. **O diabo e o fetiche da mercadoria na América do Sul.** São Paulo: Editora UNESP, 2010 [1980].